

UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE

ANA PATRICIA FERNÁNDEZ TURKOWSKI

COMUNICAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: A ZIKA EM NOTÍCIA

MARINGÁ - PR
2018

ANA PATRICIA FERNÁNDEZ TURKOWSKI

COMUNICAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: A ZIKA EM NOTÍCIA

Dissertação apresentado por Ana Patricia Fernández Turkowski, ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá.

Linha de pesquisa: Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde

Orientador: Prof. Dr. Tiago Franklin Rodrigues Lucena

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Machado Velho

MARINGÁ - PR

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T939c Turkowski, Ana Patrícia Fernández.
Comunicação e Promoção da Saúde: a Zika em notícia / Ana Patrícia
Fernández Turkowski. Maringá-PR: UNICESUMAR, 2018.
67 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Tiago Franklin Rodrigues Lucena.
Coorientadora: Ana Paula Machado Velho.
Dissertação (mestrado) – UNICESUMAR - Centro Universitário
de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde,
2018.

1. Análise de conteúdo. 2. Comunicação em saúde. 3. Zika. 4. Promoção
da saúde. 5. Jornalismo impresso I. Título.

CDU – 614.2(046)

Leila Nascimento – Bibliotecária – CRB 9/1722
Biblioteca Central UniCesumar

Ficha catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico este trabalho aos meus pais, José Luis e Ana Maria, por sempre priorizarem os estudos dos filhos e nos ensinarem que a educação será a herança mais preciosa que nos deixarão.

Dedico também aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos por serem parte importante de minha vida, valorizo muito nossos momentos de união.

Dedico a cada amigo do mestrado, cada professor das disciplinas que fiz, pois foram momentos de muito aprendizado, não só na parte científica, mas para a vida.

Dedico aos meus amigos, por cada incentivo e momentos de alegrias, deixando esse momento mais leve.

Dedico aos meus colegas de trabalho por terem me dado suporte em alguns momentos, facilitando o decorrer desse mestrado.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado.

Ao meu orientador, Dr. Tiago Franklin Rodrigues Lucena, por ter acreditado em mim e ter me dado suporte além do necessário.

À Dra. Ana Paula Machado Velho, pela coorientação, dedicação e toda a atenção dada a mim.

À querida Dra. Regiane Macuch, pela amizade, pela influência na execução desse trabalho.

Às minhas amigas, Marilene Pintinha e Patrícia G. Furlan Basso, que dividiram comigo as angústias e alegrias desta dissertação.

RESUMO

A dimensão da comunicação é essencial para o tema da Promoção da Saúde. A produção jornalística pode despertar o interesse da população a respeito de um determinado tema e contribuir para uma formação cidadã, para a adoção de comportamentos saudáveis ou esclarecê-la frente a situações de riscos. Dentre os diversos eventos que interessam aos promotores da saúde e jornalistas nos últimos anos, tivemos a epidemia de Zika, que é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* e que pautou diversos veículos de comunicação e opinião pública. As notícias e as incertezas sobre a Zika marcaram presença na mídia nas mais diversas modalidades: TV, rádio e jornal impresso. Ao mesmo tempo, vimos irromper, principalmente em redes sociais on-line, especulações, teorias da conspiração sobre a doença, que podiam condicionar um comportamento não saudável por parte da população. Entendendo que a exposição a notícias ajuda a formatar a opinião e comportamento frente a sua situação emergencial de saúde, como foi o caso da Zika, esta dissertação teve como objetivo analisar a cobertura jornalística do Zika vírus realizada durante o ano de 2016 pelo jornal *Folha de S. Paulo* com foco na Promoção da Saúde. **Metodologia:** De caráter misto (quanti-quali), a dissertação emprega método de análise de conteúdo das notícias veiculadas no jornal durante o ano de 2016, acessadas por meio do acervo on-line. A tabulação e sistematização do conteúdo levou em consideração o título da notícia, dia, dimensão na página, caderno, jornalistas que assinaram e as fontes mais citadas. Associações e correlações estatísticas também foram empregadas. **Resultados:** Algumas associações foram realizadas também com base na análise do interesse público pelo tema (termo), interpretado a partir das buscas pelo termo online na ferramenta *Google trends*. A pesquisa observou a presença de 502 notícias sobre Zika Vírus publicadas na *Folha de S. Paulo*, ao longo de 2016, distribuídas em 154 dias, ou seja, 42,08% dos dias de 2016 possuem publicação sobre o tema. A análise de frequência das notícias confirmou picos no mês de fevereiro e agosto, tendo os primeiros meses desse ano a maior concentração de textos. Os dados e a análise confirmam correlação entre a quantidade de notícias com o interesse público sobre o tema. Os especialistas se concentram na área médica (infectologia) e as fontes mais citadas foram as oficiais (ministro e secretarias de saúde). Os jornalistas que assinaram a maior parte das notícias já atuam no veículo trabalhando com o tema saúde. **Conclusões:** Para a Promoção da Saúde, compreender o papel que a comunicação desempenha na memória da população, na percepção frente a um problema de saúde pública e coletiva é essencial para se elaborar políticas de informação e comunicação mais eficientes pelos órgãos públicos. A espetacularização e o tratamento noticioso da Zika, para além da sua normalidade, também ajuda a criar uma situação de pânico ou emergência, que prejudica o trabalho dos profissionais de saúde. Mais do que pontuar e noticiar os números de casos e as relações com a microcefalia, o profissional da comunicação pode contextualizar, alertar e contribuir para que a população enfrente situações de risco.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo; Comunicação em Saúde; Zika; Promoção da Saúde; Jornalismo Impresso.

ABSTRACT

The communicational dimension is essential for the theme of Health Promotion. Journalistic production can arouse the interest of the population on a certain theme and contribute to a citizen's education, to adopt healthy behaviors or to clarify facing risk situations. Among the various events that have been of interest to health promoters and journalists in recent years, we had the Zika epidemic, transmitted by the *Aedes aegypti* mosquito, which has guided various media outlets and public opinion. The news and uncertainties about Zika have been exhibited in the media in the most diverse forms: TV, radio and printed newspaper. At the same time, we saw a breakthrough, especially in online social networks, speculation, conspiracy theories about the disease that could support unhealthy behavior by the population. Understanding that the exposure to news helps to shape the opinion and behavior in relation to its emergency health situation, as was the case of Zika, this dissertation aimed to analyze the journalistic coverage of the Zika virus carried out during the year 2016 by the newspaper *Folha de S. Paulo* with a focus on Health Promotion. **Methodology:** The mixed method (quanti-quali) uses a content analysis of the news published in the newspaper during the year 2016, accessed through the online repository. The tabulation and systematization of the content took into account the title of the news, day, size on the page, notes, journalists who signed and the most cited specialists. Statistical associations and correlations were also employed. **Results:** Some associations were also made based on the analysis of the public interest by the theme (term), interpreted from searches by the term online in the Google trends tool. The research observed the presence of 502 news articles on Zika Virus published in *Folha de S. Paulo*, throughout 2016, distributed in 154 days, that is, 42.08% of the days of 2016 have a publication on the subject. The analysis of news frequency confirmed peaks in February and August, with the first months of this year the highest concentration of texts. The data and analysis confirm correlation between the amount of news with public interest on the topic. The specialists are concentrated in the medical area (infectionology) and the most cited sources were the official (minister and municipalities of health). The journalists who signed most of the news already act in the vehicle working with the health theme. **Conclusions:** For the Health Promotion, understanding the role that communication plays in the memory of the population, in the perception of a public and collective health problem is essential for the development of more efficient information and communication policies by public agencies. Spectatorization and Zika news treatment, beyond its normality, also helps to create a panic or emergency situation that harms the work of health professionals. More than punctuating and reporting case numbers and microcephaly relationships, the communication professional can contextualize, alert and contribute to the population facing risk situations.

Key words: Content Analysis, Health Communication, Zika; Health Promotion, Print Journalism

Sumário

| | |
|--|----|
| RESUMO | 5 |
| ABSTRACT | 6 |
| Lista de Figuras | 8 |
| 1. Introdução | 9 |
| 1.1 Objetivos | 14 |
| 1.1.1 Objetivo Geral: | 14 |
| 1.1.2 Objetivos Específicos: | 14 |
| 2. Revisão de Literatura | 15 |
| 2.1 Promoção da Saúde | 15 |
| 2.2 Informação e Comunicação em Saúde | 17 |
| 2.3 Jornalismo de saúde | 19 |
| 2.4 A Zika em notícia | 26 |
| Metodologia | 30 |
| 4. Resultados | 34 |
| 4.1 Análise descritiva | 34 |
| 4.2 Análise de texto | 42 |
| 4.3 Google Trends | 44 |
| 5. DISCUSSÃO | 48 |
| 5.1 - <i>Agenda-setting</i> : frequência e dimensões das notícias sobre Zika | 48 |
| 5.2 – Autores, fontes e especialistas | 52 |
| Considerações finais | 55 |
| Apêndices | 61 |
| Apêndice I: cálculos e fórmulas utilizadas | 61 |
| Apêndice II: Tabela com outros especialistas citados | 63 |
| Apêndice III: Tabela com outras fontes citadas | 66 |

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1: Visualização do jornal Folha de São Paulo no acervo online do veículo..... | 31 |
| Figura 2: Tabela preenchida em Planilha Excel | 32 |
| Figura 3: Gráfico do número de publicações por dia, ao longo de 2016..... | 34 |
| Figura 4: Gráfico do número de publicações por mês, ao longo de 2016..... | 35 |
| Figura 5: Gráfico da porcentagem do número de capas por mês, ao longo de 2016. | 36 |
| Figura 6: Gráfico de frequência dos tamanhos das publicações..... | 36 |
| Figura 7: Gráfico de frequência dos tamanhos (agrupado) das publicações. | 37 |
| Figura 8: Gráfico do número de publicações e percentual relativo, por tamanho e mês..... | 38 |
| Figura 9: Gráfico de frequência dos autores mais frequentes..... | 39 |
| Figura 10: Gráfico do número de publicações e percentual relativo, por tamanho e autor. | 40 |
| Figura 11: Gráfico de frequência das fontes mais frequentes. | 41 |
| Figura 12: Gráfico da proporção do número de publicações com foto e/ou infografia por mês, ao longo de 2016..... | 42 |
| Figura 13: Wordcloud dos termos. | 42 |
| Figura 14: Gráfico de frequência do top 10 termos mais frequentes nas notícias. | 43 |
| Figura 15: Gráfico de correlações maiores que 0,20 para os termos dois a dois. | 44 |
| Figura 16: Gráfico de interesse semanal ao longo de 2016, para os termos “aborto”, “microcefalia” e “Zika”. | 45 |
| Figura 17: Gráfico de frequência dos termos "aborto", "microcefalia" e "Zika" nos títulos das publicações..... | 45 |
| Figura 18: Gráfico do número de publicações por semana, ao longo de 2016..... | 46 |
| Figura 19: Correlação cruzada do interesse nos termos "aborto", “microcefalia” e “Zika”, com o número de publicações..... | 47 |

1. Introdução

A dengue, Zika e chikungunya, que há tempos vem assolando o Brasil, são doenças intimamente ligadas à qualidade ambiental dos centros urbanos. São transmitidas pelo mesmo vetor, o mosquito *Aedes aegypti* (ARUNACHALAM *et al.*, 2010) e são encaradas como problemas de saúde pública global.

O Zika vírus, a mais recente das três citadas, foi identificado pela primeira vez em 20 de abril de 1947, na floresta Zika, localizada em Uganda, na África, em um macaco Rhesus e em seres humanos, esse vírus foi encontrado anos depois em Uganda e na Tanzânia (MCNEIL JR., 2016). No entanto, foi com sua chegada ao Brasil que a doença ganhou maior visibilidade global. Inicialmente, o surgimento recente desse vírus ao país trouxe diversas controvérsias porque os primeiros relatos iniciaram em 2015, em Natal (RN) e Camaçari (BA), e os meios de comunicação começaram a divulgar a doença quando ela ainda não se distinguia das outras causadas pelo mesmo transmissor (AGUIAR; ARAUJO, 2016)¹. Em julho de 2015, a mídia já havia iniciado a divulgação do aumento de casos da Síndrome de Guillain-Barré, relatando suposições entre a síndrome e o Zika vírus. Em outubro do mesmo ano, profissionais da área da saúde apontaram um aumento de casos da microcefalia nas maternidades do Nordeste brasileiro (VASCONCELOS, 2015). A virada para o ano de 2016 representou então um momento de incerteza e de espanto diante da notificação de casos e mereceu destaque na mídia regional, nacional e global e em reportagens incertas sobre essa relação em diferentes veículos de comunicação (TV, rádio e jornal) e passou a mobilizar a opinião pública que recorreu aos comunicados oficiais do governo. A abordagem e a forma como essas notícias chegavam à população gerou dúvidas e conflitos de interesse entre gestores em diferentes escalas, governos, profissionais da saúde, da comunicação e da população em geral. Não foi raro ver teorias conspiratórias e *Fakenews* circularem principalmente nas redes sociais online. Elementos esses que chamaram a atenção de uma fonoaudióloga (autora da dissertação) e

¹ De acordo com o Ministério da Saúde, em 2016, foram registrados 196.976 casos prováveis de febre provocadas pelo Zika vírus no Brasil (taxa de incidência de 96,3 casos/100 mil hab.), distribuídos em 2.777 municípios, tendo sido confirmados 101.851 casos Segundo os dados do Portal da Saúde – SUS (2016) no estado do Paraná, durante as semanas 01 a 49 de 2016 foram notificados 648 casos.

de pesquisadores no campo da Comunicação e Educação em Saúde (orientadores do projeto).

No que se refere ao campo da comunicação, Aguiar e Araujo (2016) descrevem que nesse momento anteriormente mencionado, iniciou-se uma discussão entre os profissionais da saúde e jornalistas pelas narrativas mais focadas no sofrimento das mães e seus bebês atingidos pela microcefalia. As notícias então, não foram utilizadas como ferramenta de esclarecimento da realidade sobre o Zika. Naquele momento, seria necessário que os especialistas da área da saúde, promotores da saúde e jornalistas interagissem sobre o dever de comunicar a população, por conta das dúvidas e respeito ao tema, inclusive esclarecendo-a sobre notícias falsas (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

Considerando que se tratava de uma epidemia desconhecida no Brasil, transmitida pelo mosquito *Aedes Aegypti* (já conhecido pela população), o espanto se deu porque este estava associado a sequelas que até então nunca foram descritas: as imagens de crianças com microcefalia corriam o mundo e estampavam os jornais, revistas e as redes sociais online. Muito dessas mulheres eram pobres e nordestinas (DINIZ, 2016) enquanto o governo federal empreendia uma campanha de comunicação e se via confrontado pelo contexto político no qual a mídia ajudava a complexificar. Restava então a retórica da prevenção do mosquito, já tão caro em outros momentos – como surtos de Dengue nas cidades brasileiras. Vimos reportagens de grávidas usando roupas com mangas longas no calor, o aumento da venda de repelentes, famílias assistindo TV com “raquetes” elétricas, usadas para matar o inseto. França, Abreu e Siqueira (2004) destacam que, uma vez que o ambiente de proliferação do mosquito é, sobretudo, o domiciliar é sempre importante a participação dos cidadãos no combate ao vetor, por também serem responsáveis pela saúde de forma coletiva. A informação jornalística pode ser uma ferramenta significativa para a sensibilização e mobilização nesse processo, bem como na orientação da população que se via confusa e com medo. A mídia acabou trabalhando na consciência social em relação ao tema, promovendo debates diante do assunto e ações. Pesquisas então que buscam compreender como problemas de saúde pública são relatados pelo espaço midiático são relevantes para se pensar em ações de prevenção da saúde, literacia e estratégias de promoção da saúde (AZEVEDO, 2013).

Assim, o jornalismo pode ter assumido seu papel como uma ferramenta de construção da democracia e do direito dos cidadãos (KUCINSKI *et al.*, 2006). O jornalista profissional pode narrar os fatos visando alternativas que auxiliem os indivíduos sobre as

questões tratadas que não são visíveis para ele. De acordo com os autores Kucinski *et al.* (2006) a mídia não pode ser considerada mero instrumento à disposição dos indivíduos, de grupos informais ou organizados para conhecimento de fatos, mas também como responsável por reproduzir as relações sociais de desigualdades, atribuindo sentidos ao mundo, em correspondência com a dinâmica econômica da sociedade atual.

Declarações feitas por gestores e profissionais da saúde, quando veiculadas no espaço midiático, ganhavam visibilidade e afetavam a qualidade de vida de milhares de pessoas. As notificações dos aumentos de casos da Zika e da sua relação com os casos de microcefalia em crianças ainda em fase gestacional foi um tema controverso (MCNEIL JR., 2016). Inclusive, houve recomendação para se adiar a gestação, o que afetou a qualidade de vida e planejamento familiar de milhares de mulheres, bem como se despertou o debate sobre o aborto (BUENO; GRUNSPUN, 2016). Nessa complexa relação e no problema de saúde coletiva que assolou, e ainda assola, a nação, o Governo Federal, por meio de suas secretarias e articulado com Ministério da Educação e Cultura, em parceria com o Ministério da Saúde, lançou no dia 02 de fevereiro de 2016 a campanha #ZikaZero² (MARCONDES; XIMENES, 2015). As ações buscaram alertar a população sobre o tema e indicar ações para que o vetor não se reproduzisse (FRANÇA; ABREU; SIQUEIRA, 2004; MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE., 2017; PITTA; OLIVEIRA, 1996). A abordagem de mobilização mereceu destaque nessa campanha em especial, quando vimos o surgimento e chamadas para ação social e participação dos usuários *online*, incluindo funcionários dos setores públicos.

Os altos investimentos do governo na prevenção e no tratamento das doenças relacionadas ao mosquito *Aedes* se somam aos investimentos de comunicação e de campanhas criadas em todas as esferas de poder: nacional, regional e local. O aumento dos casos de dengue e Zika e o surgimento com mais potência de outras doenças transmitidas pelo inseto comprovam que as ações de comunicação não são efetivas para a redução dos números de casos (MARCONDES; XIMENES, 2015), apesar de necessárias (NATIONAL

² Essa campanha teve como objetivo mobilizar toda a rede de educação do país para a disseminação de informações e combate ao vetor transmissor de doenças como o Zika, dengue e chikungunya, o mosquito *Aedes aegypti*. A iniciativa também contou com o apoio das Forças Armadas na varredura de criadouros nos locais públicos e foi declarada como uma medida permanente pelo governo federal (PORTAL BRASIL, 2016). Entre as ações realizadas pelo programa desde o início, estão a distribuição de material informativo para professores e gestores da rede pública de ensino, cartilhas para pais e alunos. Além disso, também houve a assinatura do Pacto da Educação Brasileira contra o Zika pelos secretários estaduais e municipais da educação de todo o país, com a participação de institutos de educação tecnológica, superior e organizações estudantis nas mobilizações e promoção de pesquisas e projetos educacionais sobre o tema.

CANCER INSTITUTE, 1961). Todavia, assevera-se que grande parte da verba pode estar sendo desperdiçada se não houver uma análise das campanhas e da comunicação para endereçar novas estratégias. Apesar do impacto, ainda imensurável na saúde pública, visto que as crianças que nasceram com microcefalia carregam sequelas para toda vida, a avaliação é de que a resposta do Sistema Público de Saúde foi positiva e mostra a importância de se ter uma rede de atenção de saúde nacional bem estruturada (MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, 2017). A doença mostrou também a inteligência e perspicácia de médicos de leitos no nordeste brasileiro, os primeiros a identificar um aumento de casos de microcefalia em bebês recém-nascidos e nos exames com as gestantes (DINIZ, 2016). Precisamos considerar o enorme aprendizado nesse processo. O trabalho dos profissionais da saúde e da ciência brasileira no tema tem ganhado destaque na literatura científica internacional (BARRETO *et al.*, 2016).

A campanha de comunicação do governo e o discurso oficial surgiam como uma resposta diante da pressão popular e do movimento de indignação que aumentava. Notícias no jornal apresentavam uma eminente epidemia e um problema que parecia mostrar a ineficiência do governo em controlá-la. Dentro desse cenário, em que o país passava por conflitos políticos - o pré-impeachment da presidente Dilma Rousseff, uma grave crise econômica e a eminência dos Jogos Olímpicos que seriam sediados no país. A opinião da população era formulada em boa parte pelo acesso a essas informações advindas dos meios de comunicação de massa. Somam-se ainda notícias especulativas, que nos faz permitir especular o quanto a mídia pode ter afetado a percepção sobre a doença no curso da epidemia. Sabemos também que a comunicação desempenha papel fundamental para ações de Promoção da Saúde e se constitui num tripé essencial para esse campo do conhecimento (FERRARETTO; MORIGI, 2014). Identificar e analisar como problemas de saúde pública são reportados à população é essencial para que nós, pesquisadores da promoção da saúde, identifiquemos estratégias mais eficientes de orientação. O caso sobre a epidemia do Zika vírus nos parece um bom caso para analisarmos essa relação, além de se constituir em um exemplo em que os avanços da ciência sobre patologias eram divulgados nos jornais, fazendo com que os profissionais da comunicação buscassem entender aspectos relevantes e discursos contraditórios dentro do próprio fazer científico. Para tanto, esta pesquisa busca analisar com o maior veículo de comunicação impressa do Brasil, a *Folha de S. Paulo*, representou e repercutiu os casos da doença. Empregando o método de análise de

conteúdo de Laurence Bardin (e que será especificado a seguir)³, combinando com análises estatísticas das frequências dos termos, associações com os jornalistas que assinaram as matérias e dimensão das reportagens nas páginas ao longo do ano de 2016⁴.

³ Esta pesquisa será desenvolvida também para dar apoio à colaboração no plano de trabalhos desenvolvido no Programa Doutoral em Mídias Digitais Austin-Portugal, da Universidade do Porto, que tem como objetivo analisar o panorama atual da Comunicação em Saúde em Portugal e no Brasil, coordenado localmente pela Profa. Dra. Regiane Macuch.

⁴ Esses aspectos estão inseridos no cenário da Promoção da Saúde na contemporaneidade, em que as pessoas se comunicam e absorvem informações por meio de tecnologias cada vez mais interativas, portanto, se um dos pilares da promoção é o empoderamento por meio das informações, para que ações sejam reestruturadas, entendemos que a mídia tem um forte papel nesse contexto. Esse projeto se insere então, na linha 2 – de Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde, do Mestrado em Promoção da Saúde e, particularmente, ao projeto 3 – Tecnologias, Comunicação e educação na Promoção da Saúde da mesma instituição.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral:

Analisar a cobertura jornalística sobre o Zika vírus, durante o ano de 2016, realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, a partir das reflexões da Promoção da Saúde.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Observar a frequência das notícias sobre o Zika vírus no jornal *Folha de S. Paulo* durante o ano de 2016 e relacionar com a agenda/pauta política e esportiva;
- Levantar aspectos relacionados à dimensão, a fontes citadas, a jornalistas que assinaram as matérias e relações dos títulos com os temas correlatos: microcefalia, aborto, olimpíadas;
- Associar as notícias com o interesse público da população em sistemas de busca online;

2. Revisão de Literatura

2.1 Promoção da Saúde

Todo e qualquer indivíduo tem o direito de ter e viver com saúde (UNITED NATION GENERAL ASSEMBLY, 1948). A Promoção da Saúde, como área do saber (BUSS, 2003), passa então a ser uma forma de capacitação da sociedade, atuando para que haja melhorias na qualidade de vida, visando à saúde e bem estar geral podendo ser física, mental e/ou social. Segundo o Plano Nacional de Promoção da Saúde, é necessário que haja uma articulação entre diferentes níveis: Sujeito/coletivo, público/privado, estado/sociedade, clínica/política, setor sanitário/outras setores para se constituir uma população saudável. Essa articulação visa romper com a excessiva fragmentação na abordagem do processo saúde-adoecimento e reduzir a vulnerabilidade, os riscos e os danos que nele se produzem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

Conforme apresentado anteriormente, a saúde pode ser entendida como um recurso indispensável para a vida, não somente como parte dela (WHO, 2013). Assim, todos os recursos envolvidos nos quesitos pessoais, naturais e sociais como também as habilidades físicas, devem ser levados em conta para que haja qualidade de vida. Porém, a promoção da saúde não deve ser entendida como tão somente uma preocupação do setor da saúde, pois vai além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global e tangencia temas como da política, economia, urbanismo e das diversas instâncias cotidianas, ou seja, todos os indivíduos têm direito à qualidade de vida, independentemente do setor em que ela se enquadra (MALTA *et al.*, 2016; WHO, 2013).

Conforme consta na Constituição Federal (BRASIL, 1988), é dever do Estado garantir políticas de cunho social e econômico que busquem a redução de doenças e de outros fatores que possam estar ligados a ela, assim como a garantia de acesso a ações e serviços que sejam voltados para promoção, proteção e recuperação da saúde. No artigo 196, lemos:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros

agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Assim, todo e qualquer indivíduo deve ter direito à saúde. Para isso, entende-se que são necessários planejamentos e ações educativas que proponham apresentar conhecimento e entendimento à população para que os indivíduos não se exponham a fatores que possam prejudicar sua saúde. Dois anos antes da assinatura da constituição, em 1986, foi realizada a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em Ottawa; nessa conferência, o termo Promoção da Saúde ficou definido como:

[...] o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social [...] Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (WHO, 2013, p.1)

Pode-se alargar ainda mais o conceito, a partir da carta, que define área de atuação: “A saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida” (WHO, 2013, p.1). No artigo Promoção da saúde e qualidade de vida, a autora Márcia Faria Westphal (2007) destaca a importância da promoção da saúde e da qualidade de vida para a definição e para a gestão de políticas públicas. Westphal (2007) apresenta em seu artigo um debate contextualizado os conceitos de saúde, sua promoção e qualidade de vida enfatizando que a promoção seria a forma mais inovadora de pensar e de se fazer saúde, modificando assim as condições de vida de toda sociedade.

Quando pensamos no termo saúde, logo lembramos da importância de promover a qualidade de vida, proporcionando e contribuindo significativamente para a saúde da comunidade e/ou do indivíduo em particular. É perceptível a importância da divulgação de informações relacionadas à saúde para indivíduos sem tempo e com excesso de fontes de informação. Para Paulo Buss (2010), a saúde é um direito humano essencial identificado por todas as sociedades e foros mundiais e está no mesmo nível/patamar de igualdade com outros direitos assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que são: alimentação, liberdade, segurança, educação entre outros. A saúde é, então, uma parte essencial no desenvolvimento do ser humano, pois lida com aspectos que contribuem,

diretamente, na construção e/ou manutenção da qualidade de vida, assim como do bem estar.

Minayo, Hartz e Buss (2000) discutiram o conceito referente à saúde e à qualidade de vida como sendo “‘uma noção polissêmica’, uma construção social, com a marca da relatividade” (p. 18). Ainda segundo os autores, a qualidade de vida abrange muitos significados e refletem conhecimentos, experiências, valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variados espaços e histórias diferentes. A promoção da saúde visando a qualidade de vida acaba sendo um método para medir as condições de vida de uma pessoa, sejam elas de cunho físico, mental, emocional, espiritual ou psicológico, além dos relacionamentos sociais que o indivíduo faz durante a vida.

Inicialmente, consideramos que saúde se define como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade, conforme proposição feita pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2013). Cardoso e Nascimento (2010) afirmam que saúde é direito de cidadania; além de educação, a participação e liberdade de expressão são questões fundamentais do direito à saúde, inerentes à democracia, portanto, a comunicação em saúde deve ser a ferramenta capaz de mobilizar o cidadão, por meio da informação.

2.2 Informação e Comunicação em Saúde

O direito ao acesso da informação é uma garantia dos direitos humanos (UNITED NATION GENERAL ASSEMBLY, 1948). Esse acesso e a consequente interpretação dela permite que os indivíduos decidam e compreendam importantes aspectos de suas vidas. Dentre os exemplos dos formatos e das possibilidades de transmissão de informação e comunicação, encontra-se o jornalismo. O jornalista é um desses profissionais que seleciona, circunscreve, contextualiza as informações. Quando o tema é saúde, o jornalismo pode transpor informações científicas aos indivíduos buscando uma possível transformação social. Para que isso aconteça, é importante que o jornalista tenha uma boa formação profissional e tenha o senso crítico apurado, buscando divulgar e traduzir informações que sejam relevantes para a sociedade. O acesso à informação é uma premissa essencial para um estado democrático e de direito, vemos que a constituição brasileira garante esse direito:

[...] Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral, contidas em documentos de arquivos, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado, bem como à inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas (BRASIL, 1991, s/p.).

Compreendendo que o tratamento dessa informação exige leitura e interpretação dos dados, o jornalista pode desempenhar um papel de tradutor e levantar aspectos importantes e de interesse público. Assim, é possível entender que a mídia pode ser utilizada a favor da promoção da saúde, já que grande parte da população tem, de alguma maneira, algum contato com ela. Porém, é importante ressaltar que ao divulgar qualquer informação, o jornalista deve agir de maneira ética e correta e, em todo momento, buscar a qualidade da informação. Assim, há uma situação ética que envolve o papel do jornalista e da mídia na divulgação da saúde e do seu relacionamento com a área médica; a relação com o conceito ampliado de saúde; a importância da comunicação no controle social; o papel da comunicação estratégica; a comunicação como ferramenta para a mobilização social conforme nos lembra Adriana Santos na chamada com os autores na publicação *Mídia e Saúde Pública* (KUCINSKI *et al.*, 2006).

Quando se fala do tema da saúde ou doenças, é recomendado que o tratamento da notícia não recaia na espetacularização, mas sim que contribua o desenvolvimento de uma consciência moral que seja capaz de resolver questões éticas, evitando assim o simples denunciamento de casos (KUCINSKI, 2006). Um dos principais cuidados do jornalista consiste “em contextualizar as informações e as notícias, fornecendo seus antecedentes, seus contornos e implicações éticas. Municar o leitor com informações sobre o desenvolvimento e as posições das várias correntes da bioética (KUCINSKI, 2006, p. 39). Para esse autor, trata-se de uma visão utópica e ideal para a atuação profissional do jornalista, uma vez que ele está inserido muitas vezes, em redações e veículos com vieses político, econômicos e culturais. A população em geral, não raro, tende a ter dificuldades em identificar e entender muitos termos ligados à área da saúde devido à complexidade das palavras que foram diagnósticos, receitas e até explicações médicas. A comunicação é importante para que essas informações relacionadas à área da saúde se tornem mais claras, objetivas e de fácil entendimento. Caco Xavier (2006) versa sobre a eficácia da comunicação relacionada à área da saúde e de como os resultados são benéficos para todos. O autor também atenta para a limitação que existem ao se falar desse tema:

A comunicação em saúde tem, portanto, um lugar de fala muito preciso e alguns importantes instrumentos, pelos quais é capaz de induzir muita reflexão, mas alcançar pouca repercussão e abrangência [...] Os esforços no âmbito da comunicação em saúde permanecem, com poucas exceções, restritos aos seus próprios ambientes de produção [...] (XAVIER, 2006, p. 44).

Toda notícia deve ser tratada de acordo com os princípios éticos e profissionais, além de ter objetivos de cunho sociais, preventivos e informativos. Ter ética no jornalismo é importantíssimo quando se refere a assuntos ligados à saúde, pois o tema toca as questões de preservação e de cuidado com a vida.

Nessa perspectiva, os indivíduos ao terem acesso à informação podem se cuidar mais e buscar meios para terem uma melhor qualidade de vida no dia a dia, zelando por uma alimentação saudável e pela prática de exercícios físicos. Por intermédio de um jornalismo realizado com ética e qualidade, cria-se a possibilidade da existência de uma comunidade bem informada e mais saudável. Vamos agora investigar esse aspecto do jornalismo em saúde com mais exemplos e reflexões.

2.3 Jornalismo de saúde

Historicamente, o tema da saúde vem ganhando mais espaço nos veículos de comunicação. Azevedo (2009) diz que com o surgimento da imprensa, os temas doença e saúde começaram a ganhar lugar em importantes jornais do mundo todo. A autora ainda ressalta que foi na década de 70, no século XX, que o interesse pelo tema mediatização e saúde, devido ao movimento feminista, começou a ficar mais evidente, com os temas da saúde da mulher e métodos anti-conceptivos entrando em pauta. Porém Azevedo (2009) salienta que, de acordo com Éric Favereau (especialista em notícias de saúde do *Libération*), foi com o aumento do número de casos de AIDS, na década de 80, que o jornalismo se interessou de vez pela temática da saúde.

No artigo “Comunicação e saúde, dois campos em intersecção”, de Teresa Ruão, Lopes e Marinho (2012) ressalta-se que a formação da qualidade de uma informação depende de dois aspectos: trabalho preciso feito pelo profissional da comunicação e da promoção da informação pertinente por meio da fonte especializada da área. A questão do rigor que o jornalista deve manter foi citada no artigo “Jornalismo de saúde: novos rumos,

novas literacias”, de Ana Paula Margarido de Azevedo (2013), que salientou as características da responsabilidade e da precisão, fatores que o jornalismo de saúde sempre deve buscar. A autora ainda comenta que existem fatores que precisam ser pensados e analisados no campo da comunicação em saúde, a exemplo de como praticar o jornalismo de saúde da melhor forma e como melhorar a compreensão das pessoas sobre essa temática.

Azevedo (2013) também expõe que cada vez mais, a comunicação em saúde está sendo vista como essencial para melhorar tanto a saúde individual quanto a pública. Portanto, percebe-se a importância de desenvolver trabalhos relacionados a essa temática, que ainda é pouco discutida nacionalmente, mas que tem grande potencial para melhorar a qualidade de vida da sociedade, bem como promover reflexões sobre o valor fundamental que é o cuidar da saúde. A pesquisadora conclui que o profissional da comunicação necessita desenvolver novas capacidades para poder comunicar informações sobre saúde, tanto para executar sua função com rigor como também para promover um conteúdo de qualidade.

No artigo “A Cobertura Jornalística da Área da Saúde e a Promoção da Cidadania: um Estudo em Jornais de Porto Alegre”, de Elisa Kopllin Ferraretto e Valdir José Morigi (2014), ressalta-se um aspecto bastante importante, que é o valor indescritível da disseminação da informação do tema saúde e/ou qualidade de vida, pois essa ação torna possível promover atitudes e pensamentos que possibilitam o indivíduo a controlar a vida. No artigo “Jornalismo na saúde: uma visão transcontinental”, Ana Paula Margarido de Azevedo (2009) propõe uma reflexão bastante importante sobre a mediatização do tema saúde, salientando que nos últimos 20 anos, apesar dessa temática se tornar cada vez mais “atraente” aos olhos dos *media*, os estudos no Brasil e em Portugal ainda são muito escassos. A autora reflete que os estudos sobre mediatização da saúde concentram-se, em grande parte, no Reino Unido e nos Estados Unidos. A partir dessa informação, demonstra-se a importância em promover estudos e pesquisas científicas nacionais nesse campo, proporcionando buscar melhorias sobre essa temática e garantindo reflexões e/ou pensamentos que, de certa forma, contribuem com um melhor desenvolvimento e estruturação da comunicação em saúde no Brasil.

Sobre o fazer jornalismo, Schwitzer (2008) lembra que na televisão as notícias sobre saúde, clima e crime geralmente são as “cabeças” do noticiário⁵, ao contrário do que acontece na imprensa escrita, no qual essas notícias estão em um segundo plano, quase não são chamadas de primeira página, mesmo com a existência de jornalistas específicos para fazer a cobertura sobre a temática.

Azevedo (2009) ressalta que o jornalista deve escrever para um público considerado leigo, por isso, deve levar em consideração a tradução das palavras mais complexas que, geralmente, são expressões técnicas encontradas na maioria das vezes em notícias sobre ciências biológicas, tecnológicas ou médicas. Esses termos, segundo Azevedo (2009), quase nunca são reconhecidos pelos leitores. Nesse caso, percebe-se como é essencial a tradução dessas palavras por parte do jornalista, contribuindo com o bom entendimento das notícias sobre saúde.

Outro fator apontado por Azevedo (2009) é que, na cobertura de saúde, também acontece o mesmo que em outros campos do jornalismo: a inserção de determinados temas e a retirada de outros, “colocando em evidência determinadas doenças e políticas públicas em detrimento de outras.” (AZEVEDO, 2009, p. 15). Ao citar Neumann (1993), que é a teorizadora da “Teoria do Silêncio”, a autora explica que essa teoria sugere que a pessoa aceita determinado conteúdo visando não ser excluída da sociedade e/ou comunidade na qual está inserida. “Assim, uma notícia pode ser veiculada não porque é importante, mas porque todos a aceitam como importante” (AZEVEDO, 2009, p. 15). Ainda sobre isso, Azevedo aponta que, para Neumann, quando um assunto não é investigado, este se torna menos importante. Portanto, conclui-se que, se uma doença não está sendo abordada pelos veículos de comunicação, isso não quer dizer que ela não é perigosa ou foi “eliminada”, isso quer dizer que ela apenas não tem a atenção da mídia e, devido a isso, é como se não existisse.

Azevedo (2009) também discorre sobre o espetáculo que, às vezes, se constrói em torno da notícia; segundo a autora, a cobertura do tema saúde desperta certos assuntos éticos, sendo que dois fatores são importantes para refletir. O primeiro é de cunho econômico, que diz respeito a como os veículos de comunicação conseguem obter lucros com as notícias sobre saúde. E o segundo tem ordem político-cultural, no qual destaca uma área potencial proporcionada pelo assunto, visando sensibilizar as pessoas, de uma forma

⁵ É o lide da matéria. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter.

mais dramática e sem ter como “meta” a divulgação científica. “A espetacularização da informação em saúde suscita a preocupação de jornalistas e pesquisadores. A moral editorial varia de acordo com a ética de cada empresa jornalística.” (AZEVEDO, 2009, p. 17).

Azevedo (2009) ainda salienta que no campo do jornalismo de saúde, é muito raro o ato do profissional de comunicação buscar uma fonte anônima (a autora conclui isso com base na análise dos periódicos português e brasileiro que realizou no artigo citado). Ela expõe que as fontes anônimas só são procuradas pelos jornalistas quando é caso de “denúncia de má gestão, justiça ou quando se trata de um doente cuja enfermidade seja considerada, pelo próprio, como vexatória” (AZEVEDO, 2009, p. 19).

Em outro artigo, intitulado “Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar”, a pesquisadora Emiliana Sofia Coelho Gomes (2012) comenta que a comunicação pode ser considerada como um potente instrumento para prevenção da saúde. Gomes também cita pensamentos de Gary Kreps (2003) no qual salienta que a comunicação é muito importante para encorajar as pessoas a reconhecerem e/ou detectarem, de forma precoce, algum tipo de doença, ou ainda tendo como objetivo promover o aumento de programas considerados de rastreio no campo da saúde.

Sobre a credibilidade das fontes de informações, Gomes, citando Gans (2003), explicita que “as fontes ganham legitimidade através do seu nível de conhecimento e que tal é determinado pela própria audiência” (GOMES, 2012, p. 36). Portanto, Gomes ressalta que a escolha das fontes é realizada tendo como base a preferência do público por pontos de vista considerados moderados, em vez de pensamentos mais extremos. Entretanto, a pesquisadora salienta que essa situação descrita anteriormente dificulta o processo de escolher fontes diversificadas para a mídia. Citando John V. Pavlik (2004), Gomes reflete que a “manutenção da integridade nas relações entre fontes, audiência e jornalistas é fundamental para estabelecer e manter a credibilidade de todas as partes” (GOMES, 2012, p. 36).

As contribuições do artigo “Jornalismo e saúde na era neoliberal” (2002), do pesquisador Bernardo Kuscinsky, apresentam reflexões que ampliaram nossa percepção sobre a relação entre jornalismo e promoção da saúde. Kuscinsky (2002) salienta que as relações entre os jornalistas e os profissionais da saúde são conflituosas e que isso se deve a três fatores. O primeiro é o ato do profissional da comunicação buscar as fontes de saúde com o objetivo de legalizar e/ou justificar uma concepção, uma ideia que já está elaborada,

mas que é necessário ter uma “palavra” científica para legalizar o discurso. Outro fator apontado pelo autor é que os próprios profissionais da saúde “utilizam” os jornalistas visando à autopromoção. Ou ainda, fazem o uso do jornalismo com uma função pedagógica, com o objetivo de esclarecer, informar, fazer campanhas de prevenção entre outros e, segundo o pesquisador, o papel do jornalismo não é esse, não é ser pedagógico, mas sim desenvolver a função crítico-informativa. “Tem por objetivo, através da informação de interesse público desenvolver a consciência crítica do cidadão. A função pedagógica é acessória, ela não é central à atividade jornalística” (KUSCINSKY, 2002, p. 97).

O segundo aspecto se baseia no campo da linguagem, que gera uma “guerra” entre os profissionais da saúde e os jornalistas. De um lado, os profissionais da saúde não conseguem se conformar com os erros dos jornalistas, que acabam usando uma linguagem mais “superficial” e /ou generalista, mais comum e cotidiana. Para esses profissionais que atuam no campo da saúde, a linguagem mais rigorosa não é considerada apenas um jeito de falar, mas demonstra o jeito de pensar o termo saúde. O terceiro aspecto afirma que as visões que os jornalistas e os profissionais da saúde têm de tempo são diferentes. “(...) Os médicos importantes, que são os mais procurados, monetizam o seu tempo. Para eles, cada minuto vale dinheiro” (KUSCINSKY, 2002, p. 97). A situação do jornalista com o *deadline*⁶ da publicação da redação cria uma postura nos jornalistas de “aflição” para conseguir obter uma resposta de determinada informação. “Não têm tempo para esperar, não têm calma, não têm paciência, e tudo isso contribui para equívocos e superficialismos e gera diferenças na esfera dos sentimentos” (KUSCINSKY, 2002, p. 97).

Sobre a prática profissional e os desafios dos jornalistas frente ao tema da saúde, vemos no artigo de Melinda Voss (2002) o resultado de uma pesquisa que entrevistou 165 repórteres de 122 jornais em 5 estados do centro-oeste dos EUA sobre as dificuldades enfrentados pelo profissional em reportar sobre o tema da “saúde”. O resultado da pesquisa (tabela 1) nos ajuda a perceber os desafios profissionais dos jornalistas inseridos na dinâmica da redação. Voss (2002) apresenta um quadro com a autopercepção dos profissionais em lidar com informações sobre saúde; nas entrevistas, alguns pontos merecem destaque: os profissionais não relataram dificuldades em achar fontes confiáveis para notícias e de dificuldade moderada a publicação de notícias seguindo *deadline* das redações (ver tabela adaptada). Interpretar dados estáticos nos parece ser então uma das

⁶ Os profissionais possuem um prazo para fechar o texto que será diagramado e impresso nos veículos de comunicação.

principais dificuldades enfrentadas somada a “compreensão dos assuntos chave sobre a saúde”.

Tabela 1 - Relato de Autopercepção sobre a habilidade (N=115)

| <i>Reporting task</i> | Mean Score | Habilidade percebida,% | | | | |
|--|-------------|------------------------|-------------|-------------|---------------------|-----|
| | | Easy (fácil) | | | Difficult (difícil) | |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <i>Finding reliable sources (achar fontes confiáveis)</i> | 2.10 (0.87) | 26.1 | 43.5 | 25.2 | 4.3 | 0.9 |
| <i>Understanding key health issues (compreender temas/termos chave da saúde)</i> | 3.16 (0.78) | 1.8 | 15.9 | 49.7 | 31.0 | 2.7 |
| <i>Putting health news in context (localizar a notícia em seu contexto)</i> | 3.30 (1.00) | 5.3 | 26.3 | 47.4 | 18.4 | 2.6 |
| <i>Producing balanced stories on deadlines (produzir as notícias no prazo)</i> | 3.38 (1.11) | 1.7 | 31.3 | 43.5 | 18.3 | 5.2 |
| <i>Interpreting statistical data (interpretar dados estatísticos)</i> | 3.64 (1.37) | 1.8 | 13.3 | 51.3 | 27.4 | 6.2 |
| <i>Overall perceived ability (n=115) (habilidade geral percebida)</i> | 3.05 (0.60) | | | | | |

Note. 1= Nearly always easy to do, 2=Usually easy to do,3=Sometimes easy to do, sometimes difficult ,4=Often difficult to do, 5=Nearly always difficult to do. Bold percentages show where the majority of responses fall.

Em estudo realizado por Aarva e Tampere (2006), em jornais da Finlândia durante dois anos (2002 e 2004), identificou-se que os subtemas da promoção da saúde mais populares abordados pelos jornais locais são: ambiente social e físico, serviços de bem-estar, nutrição e obesidade e bem estar mental. A disseminação de informações corretas sobre hábitos saudáveis contribui para uma sociedade com qualidade de vida, equilíbrio físico e mental, bem como para uma constante construção do bem estar. Essa habilidade nata a um profissional de comunicação exige dele a necessidade de estar bem informado, buscar informações corretas e precisas sobre fatos e acontecimentos, de modo a ser compreendido pela maioria das pessoas. Parece-nos que essa fidelidade às fontes e informações corretas e precisas ficam ressaltadas quando falamos que o tema a ser abordado é o da saúde.

Na lógica da cibercultura, em que pessoas acessaram notícias e comentários sobre doenças online, estudar como os conteúdos foram divulgados e interpretados pela população torna-se essencial para se pensar no papel do promotor da saúde em meio ao contexto midiático. Essa nova dinâmica da Internet, em que conteúdos e informações são disseminados e procurados em redes sociais online merecem atenção dos jornalistas e também do profissional da saúde (BROWN; RYAN; HARRIS, 2014) que são desafiados por uma profusão de Blogs, jornais online, que tratam do tema da saúde.

Diversas notícias foram incorporadas nos *feeds* e notificações em espaços como Twitter, Facebook e até mesmo em contas no Instagram por profissionais da saúde, comunicação e usuários amadores. No que tange o tema da saúde, reconhece-se que grande parte dos usuários buscam informações sobre saúde na Internet, sendo a porta de entrada para o entendimento de uma determinada doença ou moléstia, tratamento e outros temas relacionados à saúde, o que pode ser encarado como um ponto positivo para a população, já que a busca por informações online não excluem contato com o profissional da saúde (HOPKINSON, 2014; HOUSEH; BORYCKI; KUSHNIRUK, 2014; TIMMS; FORTON; POULLIS, 2014). Ademais, a falta de percepção de boa parte da população do que é ou não uma notícia verdadeira e confiável também podem contribuir para situações de pânico e de confusão, que afetam a qualidade de vida desses indivíduos.

Sobre o contato e a exposição de usuários a notícias online, Nyogesa *et al* (2014) indicam pesquisa nos EUA realizada pela Mediabistro que mostrou que mais de 50% das pessoas disseram que modificam o modo como previnem doença baseadas no que leram em conteúdo online⁷. Mais de 40% disseram que mudaria as decisões após ver informações online. A maioria dos usuários das redes sociais online (que incluem Blogs) são jovens, sendo que 90% confiam nas informações médicas divulgadas pelas redes informáticas⁸. Assim, retomam-se as considerações de Hodgetts (2012), que nos incita a pensar em um jornalismo em saúde mais orientado às demandas da sociedade civil e menos cientificamente dependente⁹.

Somado ao ambiente online, revistas e jornais impressos ainda se constituem em veículos de comunicação com forte aceitação e penetração na população. Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016), o jornal foi listado por 15.050 entrevistados como o 4º meio de comunicação mais utilizado (1º menção) e quarto colocado (12%), se considerar primeira e a segunda menção (atrás da TV, da Internet e do rádio). Sendo que 66% das pessoas leem jornal na versão impressa.

⁷ *How healthcare professional are using social media.* <http://www.mediabistro.com/alltwitter/files/2012/08/social-healthcare.png>. Accessed 14th May, 2014.

⁸ Outra linha de investigação ocorre pelo suporte que indivíduos se dão nos grupos online. Esse compartilhamento de experiências de doenças e criação de grupos de suporte não são escopo do nosso trabalho, mas demonstram bem a relação benéfica entre “mundo online” com o tema da “saúde”. Inserimos ainda a necessidade de mediação na qual o jornalista pode atuar.

⁹ O autor chama atenção para a informação em saúde não ser apenas divulgação de novas técnicas e métodos da saúde, na promoção de dados científicos e pesquisas na área, mas chama a responsabilidade de “jornalistas cívicos”, que devem reportar assuntos de saúde pública que interessam à comunidade. No exemplo citado pelo texto, a abordagem de jornalistas sobre moradores de rua e a contextualização desse grupo de indivíduos dentro da esfera pública e interesse de saúde ajuda a pensar em um tipo de “jornalismo de saúde” que estende e repolitiza o escopo presente na cobertura de notícias sobre saúde.

Esses veículos, somados aos espaços de debate online, criam uma esfera de debate e trazem em pauta temas da saúde que mereceriam atenção da população. O que aconteceu com a circulação das notícias sobre o Zika em jornais e no ambiente online das redes sociais é um bom exemplo da posição e dos desafios para os profissionais da saúde e da comunicação diante de um fato novo e preocupante.

2.4 A Zika em notícia

O Zika vírus é um flavivírus, também classificado como arbovírus (transmitido por artrópodes como mosquitos), da família *Flaviviridae* (NUNES *et al.*, 2015). De acordo com McNeil Jr. (2016), o vírus foi identificado pela primeira vez em 20 de abril de 1947, na floresta Zika, localizada em Uganda, na África, em um macaco Rhesus. Em seres humanos, foi encontrado anos depois em Uganda e na Tanzânia.

Em 1952, resultados de pesquisas publicadas pelo Instituto Nacional de Pesquisa Médica, em Londres, verificou que, ao injetar o vírus no cérebro de alguns camundongos, eles se tornaram doentes; portanto, tratava-se de um vírus neurotrópico (MCNEIL JR., 2016). Em seres humanos, o vírus só foi confirmado em 1968, por meio de amostras biológicas na Nigéria (MARCONDES; XIMENES, 2015).

Vasconcelos (2015) classifica os principais sintomas do Zika como febre, acompanhada por cefaléia, mal-estar, dores articulares, além da associação do vírus com a microcefalia e a síndrome de Guillain-Barré (SMITH; MACKENZIE, 2016). Essas relações e incertezas foram sendo abordadas nos veículos de comunicação do Brasil e do Mundo durante os anos de 2015 e 2016 e, embora em menor proporção, novas descobertas são mencionadas em notícias atuais.

Duas publicações em formato de livro destacaram a abordagem da mídia durante o período da epidemia da Zika e o movimento das notícias durante a conformação da epidemia atual da Zika e possível relação entre Zika e microcefalia. São os livros da Débora Diniz (2016) e de McNeil Jr (2016).

Diniz (2016), antropóloga que trabalha com bioética, ressaltou o sofrimento vivido por mulheres nordestinas e do papel dos médicos de leito na identificação da relação entre Zika e microcefalia. A autora destaca o papel promotor desses profissionais, de luta contra pré-conceitos e da relação de desconfiança do meio científico e acadêmico diante dos achados clínicos desses médicos nordestinos. Em uma abordagem etnográfica, que

entrevistou e acompanhou mães e médicos, usando inclusive redes sociais e aplicativo WhatsApp, o relato de Debora Diniz é essencial para pensarmos na importância que os meios de comunicação podem exercer para a promoção da saúde. Em seu livro, a autora deixa claro que a descoberta da doença fora do eixo Rio-São Paulo despertou desconfiança e preconceitos, inclusive da classe científica que contestou os números e a percepção dos médicos de leito nordestinos.

O livro do jornalista Donald McNeil historiciza o vírus Zika, desde a descoberta de 1947 em Uganda até epidemias ao redor do mundo (Ásia e Polinésia Francesa) e a recente epidemia no Brasil e mobilização dos órgãos mundiais: Organização Mundial de Saúde e Organização Panamericana de Saúde. É interessante destacar esse autor pelo fato de que é um jornalista especialista em saúde pública e em doenças endêmicas, que escreve todas as terças-feiras uma coluna no *The New Times*. O autor nos lembra das forças políticas e econômicas que adiaram as recomendações à população, em especial, com medo de influenciar o turismo em alguns países.

Durante o ano de 2016, quando a repercussão do vírus Zika teve maior destaque nos veículos de comunicação, poucos artigos científicos foram publicados; no entanto, estudos retrospectivos começaram a apontar diferentes questões na abordagem midiática, nesta dissertação destacamos dois que tiveram dentro de seus objetivos a relação da mídia com o vírus.

Dornelles e Martins (2016) fazem uma análise de conteúdo das notícias em dois dos principais veículos de mídia expressa no Brasil: a *Folha de S. Paulo* e o jornal *Zero Hora*, sendo que o primeiro foi analisado na forma *online*. O artigo fez suas análises dentro de uma abordagem da linguagem jornalística e destacou que mesmo que a *Folha* tenha mais notícias publicadas, com mais conteúdos sobre o Zika, na avaliação dos autores, a relevância de seu conteúdo é menor, se comparada às das notícias do *Zero Hora*. Nas notícias do jornal *Zero Hora*, poucas publicações conseguiram criar gancho entre elas e foram mais relevantes pois envolveram maior nível de questionamento sobre o tema. Os autores questionam que muitas publicações “soltas” podem deixar o assunto mais “comum” e chamar menos atenção do leitor.

Aguiar e Araújo (2016) também traçam em seu artigo uma análise da mídia e dos anúncios oficiais nos portais de saúde do governo durante os meses de Novembro e Dezembro de 2015, período em que o Ministério da Saúde admitiu a possível relação do Zika com a microcefalia. Os autores destacam a incidência que foi dada às notícias, a

atenção dado pelas mídias e sua relação com a saúde, além disso, levantam algumas reflexões significativas sobre essa relação mídia x saúde no Brasil. Entre elas está a de que a mídia deu maior atenção para o Zika quando o nível de incidência da microcefalia emergiu de forma significativa; porém, de forma dramatizada, destacando o sofrimento das mães e as condições socioeconômicas da maioria das gestantes. Essa reflexão também foi feita por McNeil (2016), ao afirmar que a mídia deve estar interligada aos anúncios oficiais e devem servir de empoderamento e promoção da saúde, não agindo somente na forma de notificação da notícia.

O artigo de Aguiar e Araújo (2016) deixa claro que existe uma lacuna entre as notificações dadas pelo governo, assim como as ações de prevenção e promoção, trazendo novamente a importância que teria a inter-relação entre esses dois meios de comunicação, em que provavelmente haveria maior informação, educação e ações da população perante o vírus.

Embora não tenha trabalhado necessariamente com notícias em veículos formais de comunicação, o artigo de Basch *et al.* (2017) analisa a qualidade de conteúdo em vídeos postados em contas do Youtube sobre o tema da Zika. Dos 100 vídeos selecionados em língua inglesa, os autores confirmaram que 43 foram produzidos por usuários, 38 eram notícias que eram replicadas na plataforma online e 4 vídeos foram produzidos por profissionais da saúde. Há diferenças na forma como cada um desses grupos abordaram os temas, sendo que os principais temas trabalhados nos vídeos foram: impacto do vírus nos bebês, o número de casos no mundo e na América latina, por fim, a história e a presença da Zika na África. Os autores asseveram que o monitoramento de conteúdo em redes sociais online é um elemento importante para se identificar os temas e abordagens que mais tiveram audiência e interesse pela população e que, assim, pode-se pensar nas intervenções de prevenção e promoção da saúde.

Já Honorato *et al.* (2016), visualizaram durante quatro períodos diferentes as imagens mais populares na rede social Instagram. Usando um software que rastreia e identifica as publicações que usaram da hashtag #Zikavirus, os autores identificaram que a maior parte das publicações vieram da região sudeste e próximos ao carnaval de 2016, quando memes faziam piada a respeito do vírus durante a festa (inclusive com a suspeita de que se poderia transmitir pela saliva). As postagens que acompanhavam ou associavam a campanha #ZikaZero lançada em fevereiro também foram identificadas. Para os pesquisadores, essas imagens conseguem ilustrar um imaginário coletivo da população

sobre a doença. Foi exatamente nesse contexto que localizamos a pesquisa de Seltzer *et al.* (2015), com a análise das postagens de usuários sobre o vírus Ebola, o que servia de base para que equipes de saúde se preparassem para as intervenções nos locais mais remotos. Cabe lembrar que algumas zonas afastadas ofereciam resistências a equipes de saúde do governo para o tratamento e intervenção de saúde. Cabe então, neste momento, apresentar como estruturamos nossa pesquisa, apresentando aspectos e decisões metodológicas de seleção e de análise das informações sobre Zika em um jornal impresso brasileiro.

Metodologia

A pesquisa é exploratória de caráter mista (quanti-quali) emprega método de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009) para leitura e sistematização do conteúdo veiculado no jornal *Folha de S. Paulo*.

Empreendemos a análise após coleta de dados referentes a um ano de publicações no jornal diário. A coleta de dados levou em consideração os seguintes aspectos do conteúdo da página do jornal: foram identificadas todas as menções e notícias que tratavam sobre o tema Zika e suas relações com microcefalia, Dengue, Chikungunya e/ou doenças transmitidas por *Aedes*. Diante da impossibilidade de consultá-los em sua forma impressa, utilizamos o banco de dados disponibilizado pelo próprio veículo: <http://acervo.folha.uol.com.br/>¹⁰. Esses dados, chamados de acervo, estão disponibilizados gratuitamente na plataforma do link acima. Nele, é possível identificar e visualizar as seguintes categorias: Jornais, Ano, Mês, Dia, Caderno, Página.

¹⁰ Os dados foram coletados acessando o acervo online do veículo que disponibiliza em formato semelhante ao impresso, embarcado na própria página que permite ao usuário imprimir ou compartilhar em redes sociais online todos os números do jornal desde 1921. No site do acervo, tem-se a opção de navegar pelas páginas do jornal, apresentando uma página inteira ou visualização de 3 páginas. Uma ferramenta de navegação é disponibilizada para dar zoom e navegar nas páginas.

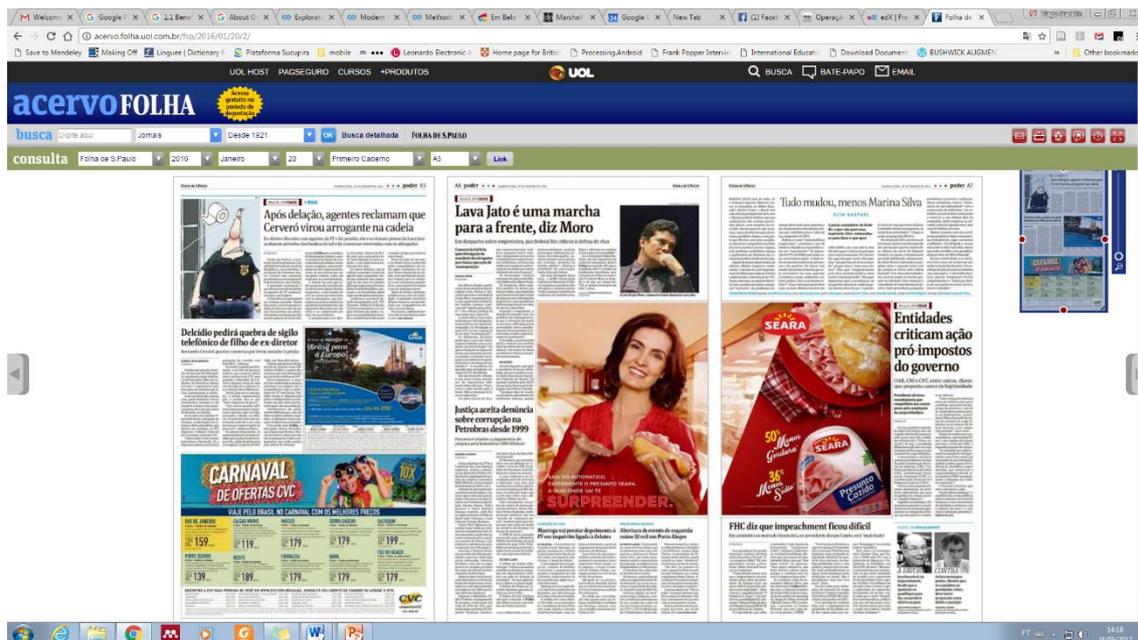


Figura 1: Visualização do jornal Folha de São Paulo no acervo online do veículo

As notícias encontradas após busca e leitura realizada pela pesquisadora durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2017 foram tabuladas, registrando-se as seguintes informações: Número da edição (composto por número do jornal) // Caderno (Cotidiano; Saúde; Cidade) // Posição (na página) // Autor (Jornalista que assina) // título da notícia). Essa tabulação levou em consideração tabela criada e aprovada com um grupo em Portugal que desempenha atualmente coleta semelhante em veículos daquele país.

| N | Data | Gênero | Página Online | Página Impressa | Posição na pág. | Tama | Foto | Infogra | Autoria | Fontes | Retran | Título |
|----|--------|--------|---------------|---------------------------|---------------------------|----------------------|-------|------------|---------|--|--------|--|
| 1 | 31.684 | 01/Jan | | | | | | | | | | |
| 2 | 31.685 | 02/Jan | | | | | | | | | | |
| 3 | 31.686 | 03/Jan | Nota | Primeiro caderno A1 (onli | Capa | Inferior esquerdo | box | não | não | | | "Batalha contra o Aedes" |
| 4 | 31.686 | 03/Jan | Editorial | Primeiro caderno A2 (onli | A2/Opinião (impresso) | Superior esquerdo | | | | | | "Batalha contra o Aedes" |
| 5 | 31.686 | 03/Jan | Reportagem | Esporte e Cotidiano B10 | B12/Cotidiano (impresso) | Centro | 12/16 | Ilustração | não | Claudia Colucci | | Novas armas: De "esterilização" de |
| 6 | 31.687 | 04/Jan | | | | | | | | | | |
| 7 | 31.688 | 05/Jan | | | | | | | | | | |
| 8 | 31.689 | 06/Jan | | | | | | | | | | |
| 9 | 31.690 | 07/Jan | Reportagem | Cotidiano B2 (online) | B5 Cotidiano | Superior direito | 8/16 | não | sim | Jairo Marques | | Dengue pré-verão atinge recorde es |
| 10 | 31.690 | 07/Jan | Nota | Cotidiano B2 (online) | Cotidiano B5 | Inferior direito | 1/16 | não | não | Da Argentina | | Saúde: Detectado 1º caso de Zika n |
| 11 | 31.691 | 08/Jan | Nota | B2/cotidiano(online) | B5 Cotidiano | Inferior direito | 1/16 | não | não | | | BEBÊS COM MICROCEFALIA: Estud |
| 12 | 31.692 | 09/Jan | Nota | B6/ Cotidiano e esporte | Cotidiano B7 | Inferior direito | 1/16 | não | não | Jairo Marques | | Microcefalia podem ter outras cau |
| 13 | 31.692 | 09/Jan | Opinião | B6/Cotidiano e esporte | B7/Cotidiano e esporte | Inferior central | 1/16 | não | não | Julio Abramczyk | | PLANTÃO MÉDICO: Um grande prol |
| 14 | 31.693 | 10/Jan | nota | Primeiro caderno A1 | Capa | Inferior esquerdo (b | box | não | não | | | Alta de microcefalia reacende discu |
| 15 | 31.693 | 10/Jan | Nota | Primeiro caderno A1 | Capa | Inferior esquerdo | 2/16 | foto | não | | | Sai,Zika |
| 16 | 31.693 | 10/Jan | Nota | Revista São Paulo/YB1 | Capa | inteira | 16/16 | Foto | não | | | Sai,Zika |
| 17 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | Revista São Paulo YB11 | YB11,p.12 Revista São Pa | Capa | 16/16 | Ilustração | não | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Rafael Balago; Rafael Gregório; Roberto de Oll | | Inimigo número 1 - Para fugir da Zik |
| 18 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | Revista São Paulo YB11 | YB11,p.13 Revista São Pa | Inteira | 16/16 | Ilustração | não | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Rafael Balago; Rafael Gregório; Roberto de Oll | | Inimigo número 1- Para fugir da Zik |
| 19 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB14,p.14 Revista São Pa | YB14,p.14 Revista São Pa | Capa | 16/16 | não | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Alexandre Padilha, secretario municipal da |
| 20 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | Revista São Paulo | YB14,p.15 Revista São Pa | Inteira | 16/16 | sim | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Alexandre Padilha, secretario municipal da |
| 21 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB14,p.16 Revista São Pa | YB14,p.16 Revista São Pa | Capa | 16/16 | sim | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Alexandre Padilha, secretario municipal da |
| 22 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB14 | YB14 | inteira | 16/16 | sim | não | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Verdades e mentiras sobre o Aedes |
| 23 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB17 | YB17 | inteira | 16/16 | sim | não | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Verdades e mentiras sobre o Aedes |
| 24 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB17; p.18 | YB17; p.18 | inteira | 16/16 | não | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Verdades e mentiras sobre o Aedes |
| 25 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB17; p.18 | YB17; p.18 | inteira | 16/16 | não | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Verdades e mentiras sobre o Aedes |
| 26 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB17; p.19 | YB17; p.19 | inteira | 16/16 | sim | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Verdades e mentiras sobre o Aedes |
| 27 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB20; p.20 Revista São Pa | YB20; p.20 Revista São Pa | Inteira | 16/16 | Foto | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Riviera promove conscientização |
| 28 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | YB20; p.21 Revista São Pa | YB20; p.21 Revista São Pa | Inteira | 16/16 | sim | sim | Elvis Pereira; Ingrid Fagundes; Ra | | Rodrigo César Magalhães Doutor em históri |
| 29 | 31.693 | 10/Jan | Reportagem | Esporte/Cotidiano B10 | Cotidiano B12 | Superior esquerda | 8/16 | não | sim | Claudia Colucci | | Alta de microcefalia reacende deba |
| 30 | 31.694 | 11/Jan | | | | | | | | | | |
| 31 | 31.695 | 12/Jan | Editorial | Primeiro caderno/A2 | Opinião A2 | Superior central | 1/16 | não | não | Hello Schwartzman | | Deu Zika |

Figura 2: Tabela preenchida em Planilha Excel

Tais dados, frequência de postagem e abordagem da notícia foram sistematizados para aferirmos os aspectos relevantes para a promoção da saúde. Análises estatísticas e associação foram realizadas com o intuito de descrever as notícias sobre Zika Vírus publicadas na *Folha* ao longo de 2016 (ver apêndices). Relacionamos se as publicações no jornal coincidiam com o interesse da população pelo tema (interpretado aqui pela quantidade de buscas no site Google¹¹). De forma geral, as análises buscaram descrever:

- Características das notícias (quantidade, capa, tamanho, autores, fontes, termos frequentes) ao longo dos meses de 2016;
- termos conjuntamente frequentes nos títulos das notícias;
- relação entre buscas no Google (Zika, microcefalia e aborto) e quantidade de notícias;
- relação entre buscas no Google (Zika, microcefalia e aborto) e os termos dos títulos das notícias;
- relação entre autores e tamanhos das notícias.

¹¹ O Google possui um serviço web público chamado Google Trends – que permite visualizar como e com que frequência um termo de busca é utilizado em relação ao total de volumes de buscas em várias regiões no mundo e em várias línguas. <https://trends.google.com/trends/>

4. Resultados

4.1 Análise descritiva

Foram observadas 502 notícias sobre Zika Vírus publicadas na *Folha*, ao longo de 2016, distribuídas em 154 dias, ou seja, 42,08% dos dias de 2016 possuem publicação sobre o assunto, sendo estas as utilizadas para as análises posteriores. Dessa forma, o interesse está em como as publicações se dão ao longo do tempo. Para tal, pode-se visualizar como se deu o número de publicações diariamente.

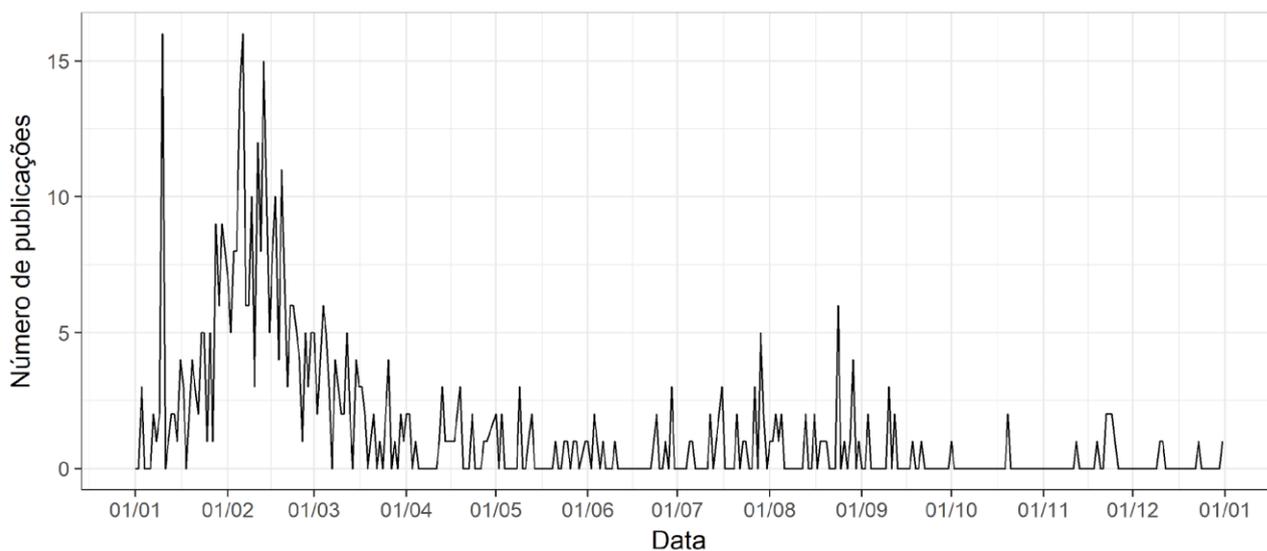


Figura 3: Gráfico do número de publicações por dia, ao longo de 2016.

Vê-se na Figura 3 que a maior concentração de publicações se dá no começo do ano, entre Janeiro e Fevereiro. Além disso, nota-se que no final de Julho até o final de Agosto há picos nos dias 29/07 e 24/08, com 5 e 6 publicações, respectivamente.

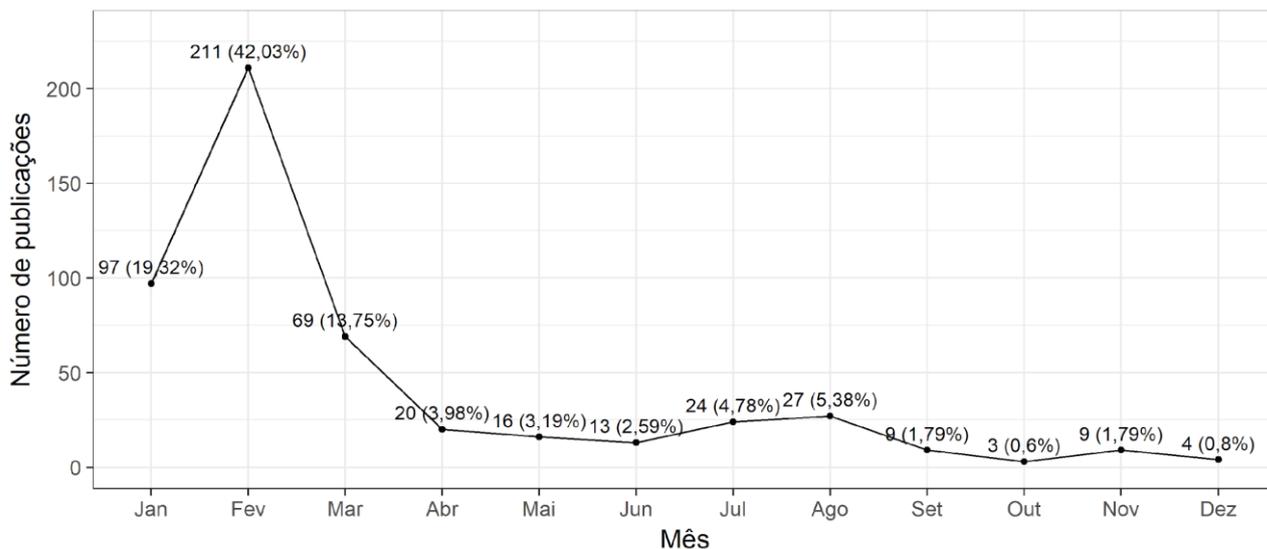


Figura 4: Gráfico do número de publicações por mês, ao longo de 2016.

Já na Figura 4, observa-se o número de publicações mensais, em que se vê que o mês de Fevereiro possui um número de observações muito superior aos demais, havendo um decréscimo posterior, seguido de um leve acréscimo de Julho para Agosto, finalizando com um declive e sem grandes mudanças até o fim do ano. Feita a visualização das publicações ao longo de 2016, faz-se a descrição das demais características do Jornal mensalmente.

A primeira característica observada é se a publicação foi capa ou não na página impressa. Ao todo, 71 (14,14%) publicações foram capas, porém é de interesse averiguar com se dá essa característica ao longo do mês, como se vê na Figura 5. Considera-se como capas as primeiras páginas dos cadernos, bem como a presença na primeira capa do jornal.

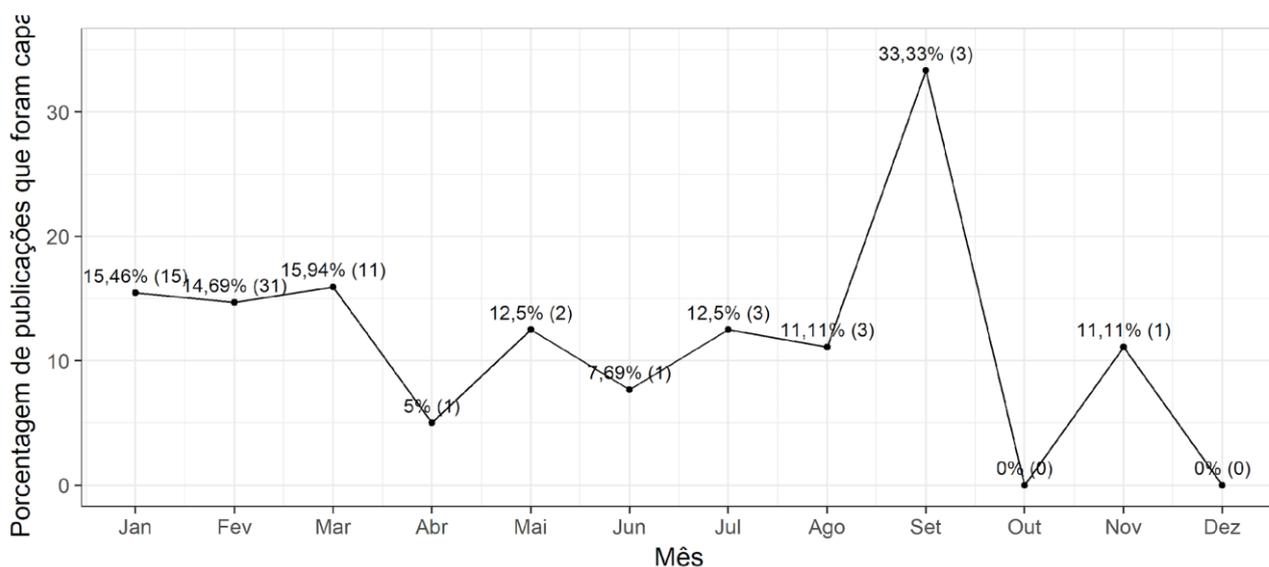


Figura 5: Gráfico da porcentagem do número de capas por mês, ao longo de 2016.

Observa-se na Figura 5 que nos três primeiros meses do ano, aqueles com maiores números de publicações (Figura 2), mantêm-se proporções próximas dos números de capas. No mês de Abril, há um decréscimo, enquanto os demais meses apresentam um baixo número de publicações para avaliar a expressão da proporção de capas.

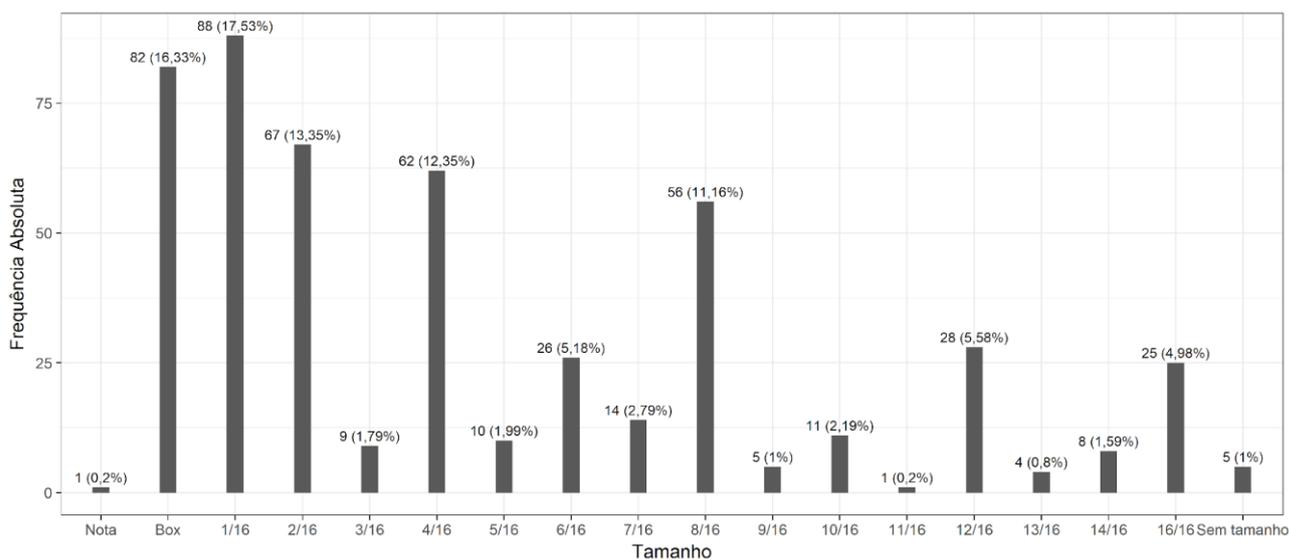


Figura 6: Gráfico de frequência dos tamanhos das publicações.

Na Figura 6, observa-se a frequência dos tamanhos das publicações, em que 1/16 e Box são os mais frequentes representando 17,53% e 16,33% das notícias, respectivamente.

Entretanto, é visível que muitas das categorias de tamanho são inexpressivas, assim faz-se uma recategorização, como se vê na Figura 7.

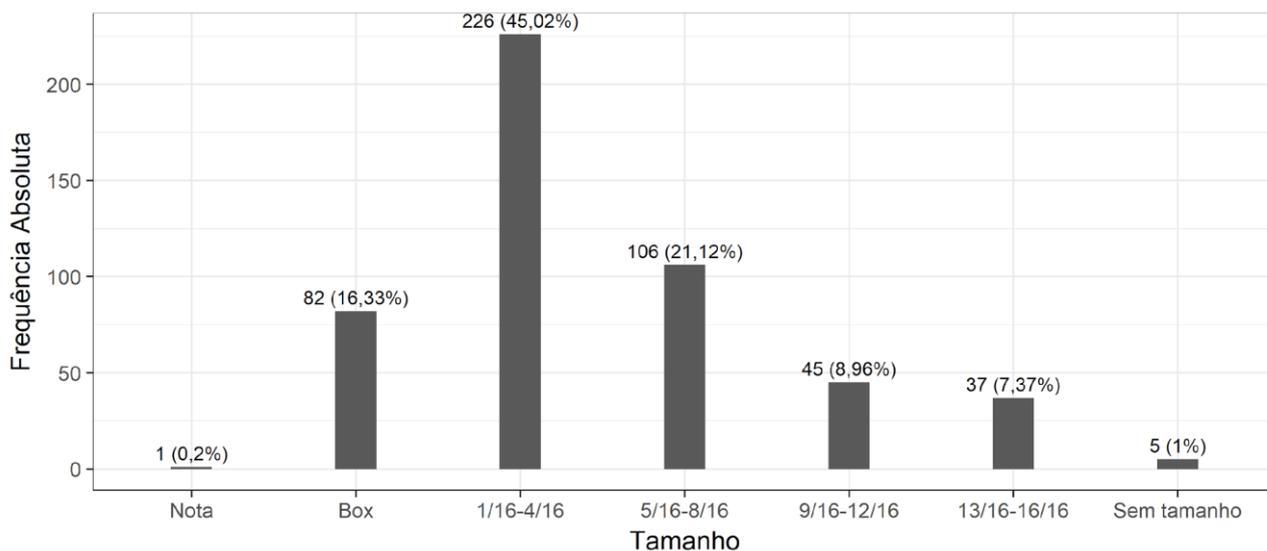


Figura 7: Gráfico de frequência dos tamanhos (agrupado) das publicações.

Na Figura 7, observa-se que a maior concentração (45,02%) no tamanho entre 1/16 e 4/16, a partir dessa categoria, vê-se que quanto maior a faixa de tamanho das publicações, menor a frequência com que ocorrem. Além disso, visando avaliar como se dá o tamanho das matérias ao longo dos meses, faz-se um gráfico com o percentual relativo mensal de cada tamanho (Figura 8).

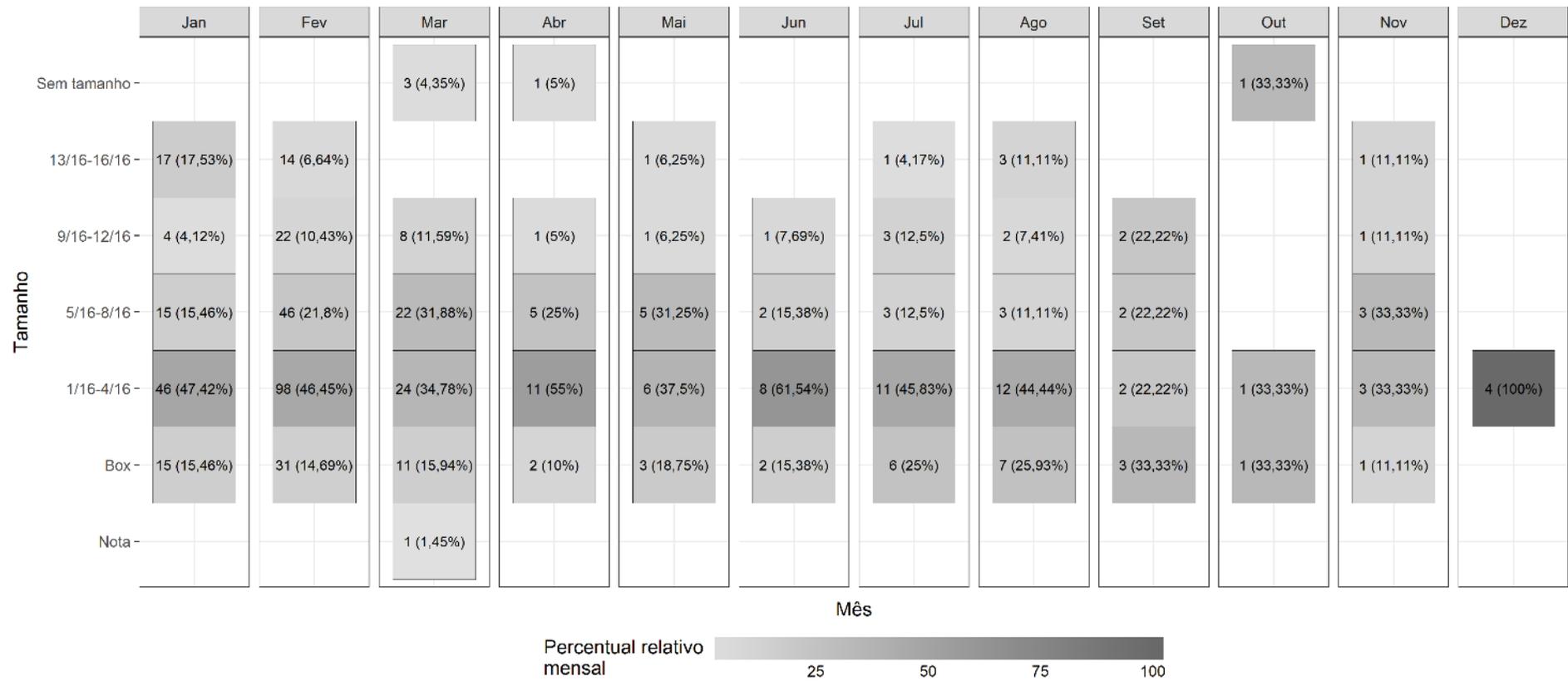


Figura 8: Gráfico do número de publicações e percentual relativo, por tamanho e mês.

Observa-se na Figura 8 que o mês de janeiro possui o maior percentual para categoria 13/16 - 16/16 em relação aos demais meses, ainda é interessante notar que o mês de Março não possui publicações nessa faixa de tamanho, mas sim uma frequência relativamente alta de publicações com tamanhos entre 5/16 - 8/16, se comparado aos demais meses. Ainda, durante o crescimento de notícias a partir de Junho, é nítida a alta concentração na categoria de 1/16 – 4/16, que representa mais da metade das publicações nesse mês.

Outra característica de interesse foi a autoria e a fonte das notícias, uma vez que, diferentes das demais variáveis abordadas, estas apresentaram alto índice de ausência de informação (ou seja, não tinham o nome do jornalista que assinou), 208 (41,43%) publicações não apresentam autoria e 443 (88,25%) não apresentam fonte, além da alta variabilidade. Sendo assim, apresentam-se os autores e fontes mais frequentes (para verificação dos demais, favor checar anexo 4.1 e 4.2) de forma geral, visto que o número de observações por mês é ainda menor.

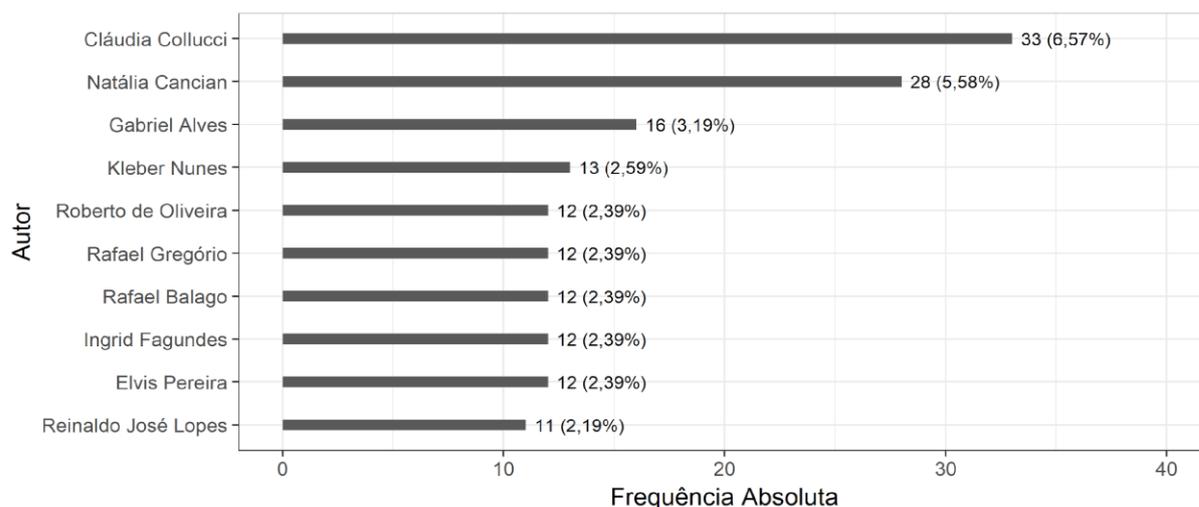


Figura 9: Gráfico de frequência dos autores mais frequentes.

Nota-se na Figura 9 a baixa frequência dos autores, em que a mais popular, Cláudia Collucci, escreveu 6,57% das notícias veiculadas durante 2016, seguida por Natália Cancian (5,58%). Os demais já apresentam representação entre 2% e 4%. Além de avaliar os autores mais frequentes, desejou-se verificar se havia uma relação com o tamanho das notícias.

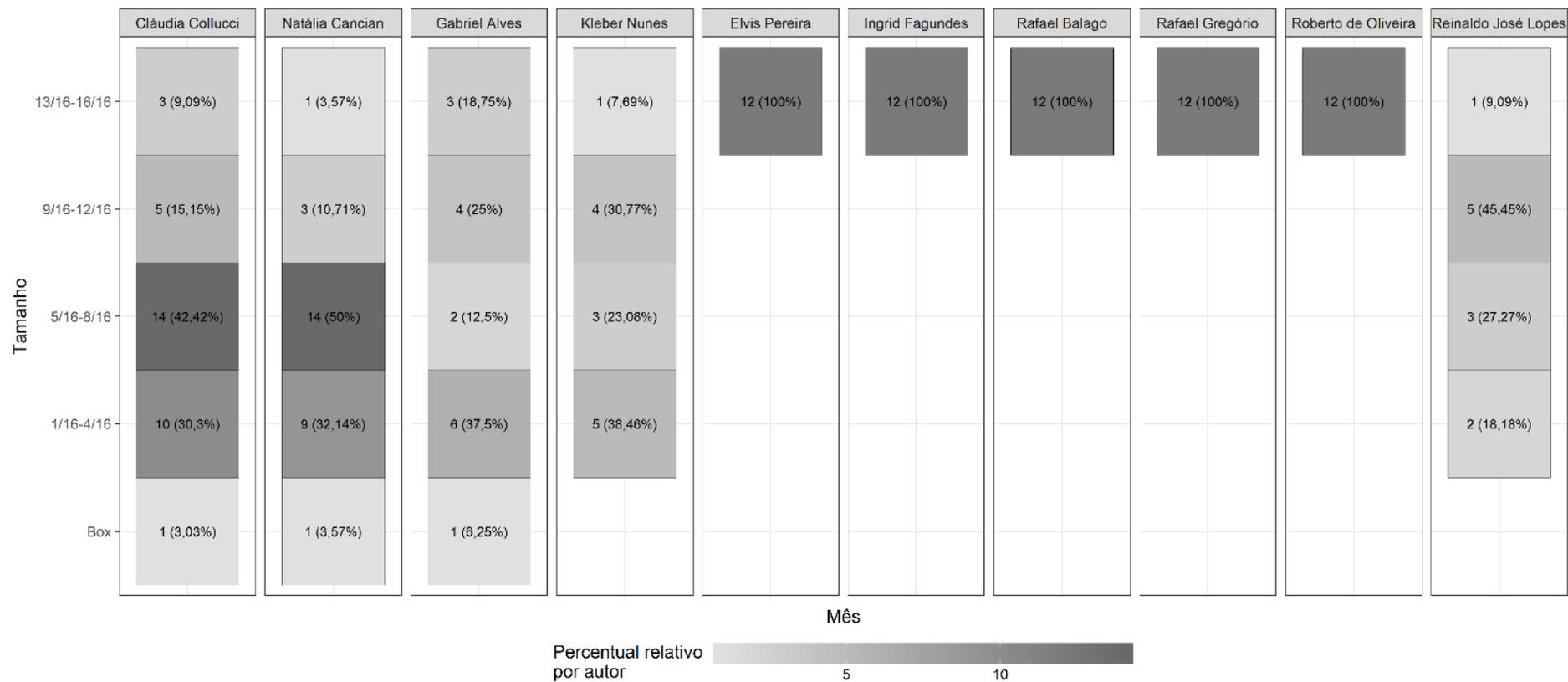


Figura 10: Gráfico do número de publicações e percentual relativo, por tamanho e autor.

Observa-se na Figura 10 que 5 dos autores mais frequentes apresentam 100% de suas notícias na categoria 13/16 – 16/16, enquanto as 2 autoras com mais notícias publicadas, Cláudia Colluci e Natália Cancian, possuem uma distribuição próxima, com maior concentração na faixa de 5/16 – 8/16, seguida da faixa de 1/16 – 4/16. Após avaliação dos autores, parte-se para as fontes.

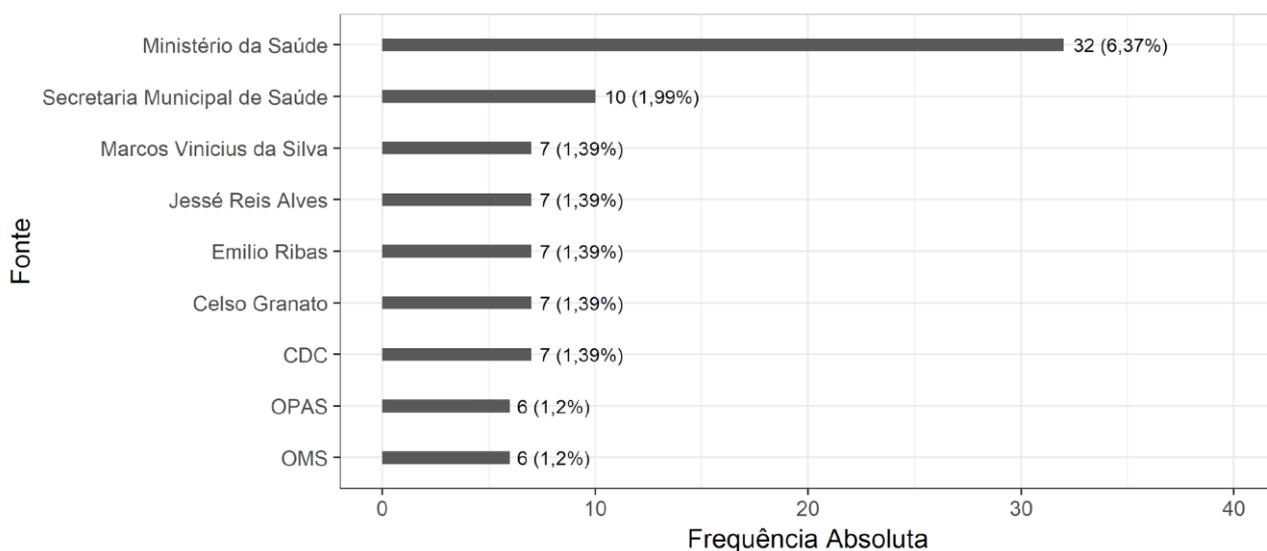


Figura 11: Gráfico de frequência das fontes mais frequentes.

Na Figura 11, pode-se observar que só há uma fonte expressiva, o Ministério da Saúde, enquanto as demais são citadas em menos de 2% das publicações, cada.

Por fim, faz-se a visualização da última característica, se a notícia possui algum tipo de foto e/ou infografia, em que a distribuição é equilibrada, visto que 243 (48,41%) publicações possuíam a característica em questão.

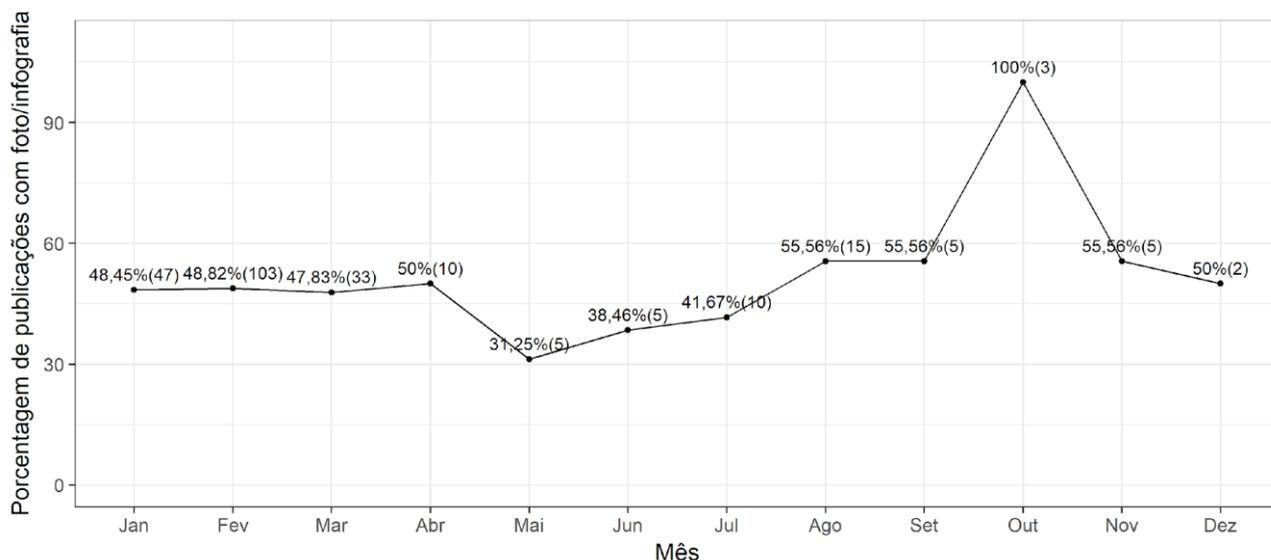


Figura 12: Gráfico da proporção do número de publicações com foto e/ou infografia por mês, ao longo de 2016.

Observa-se na Figura 12 que essa proporção é semelhante até Abril, sendo que a análise dos demais meses é difícil, por conta da baixa frequência de publicações.

4.2 Análise de texto

Após a avaliação das características das publicações, realizou-se a análise do texto em que, a priori, investigou-se a frequência dos termos presentes nos títulos das notícias.



Figura 13: Wordcloud dos termos.

Na Figura 13, tem-se o *wordcloud*, alternativa gráfica em que o tamanho da palavra é diretamente proporcional à sua frequência absoluta. Vê-se que o termo “Zika” é o mais

popular, seguido por “microcefalia”. A fim de ter uma visão mais precisa, faz-se a visualização dos 10 termos mais populares.

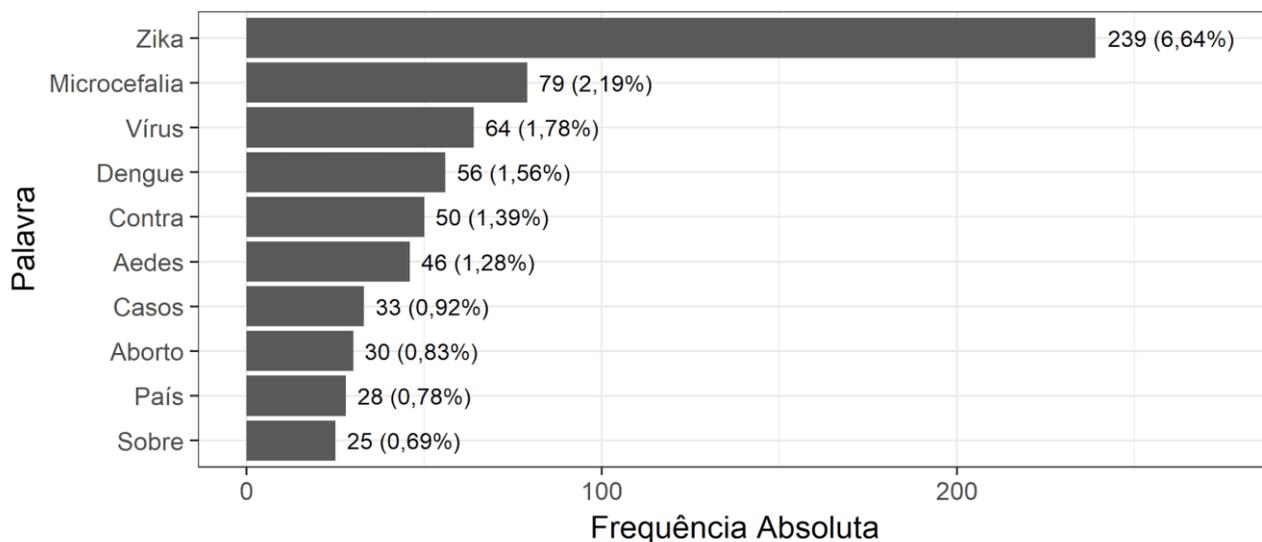


Figura 14: Gráfico de frequência do top 10 termos mais frequentes nas notícias.

Observou-se na Figura 14 que o termo “Zika” é aproximadamente 3 vezes mais frequente que o 2º termo (“microcefalia”), posteriormente os termos mais populares são “vírus”, “dengue”, “contra” e “Aedes”. O termo “Zika” predomina em todos os meses, com exceção do mês de Outubro, em que não há uma única palavra com frequência expressiva. Ao observar os termos mais populares, é interessante verificar como eles se relacionam entre si, assim utiliza-se o coeficiente φ .

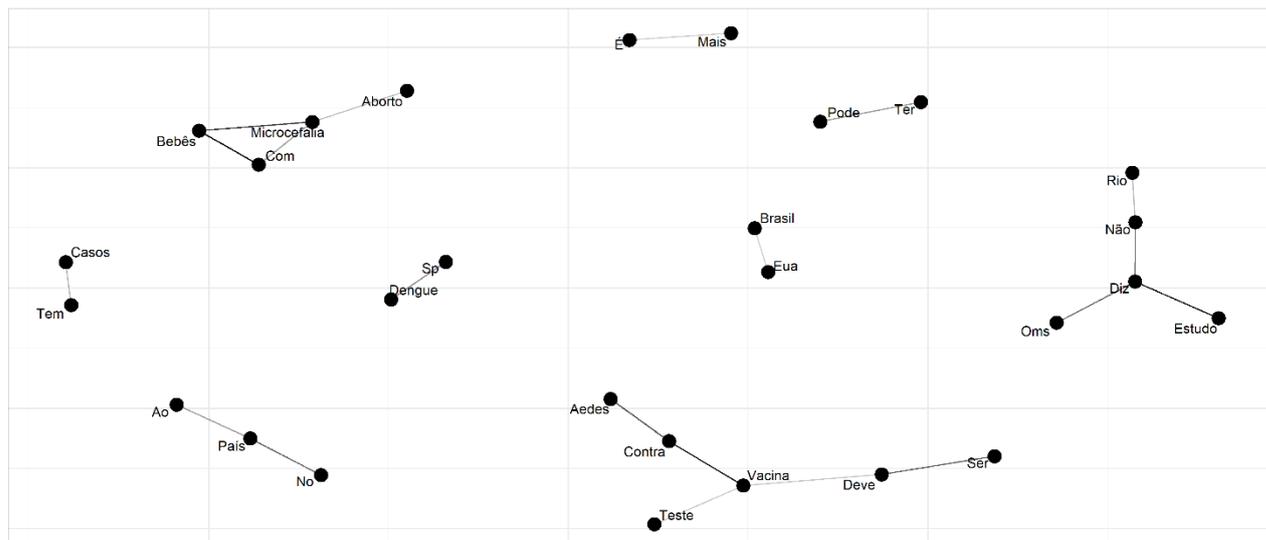


Figura 15: Gráfico de correlações maiores que 0,20 para os termos dois a dois.

É possível observar na Figura 15 os pares de palavras mais correlacionadas, apesar de algumas serem óbvias, como “tem” e “casos”, ou até sem informação como “é” e “mais”, pode-se notar a correlação no canto superior esquerdo do termo “microcefalia” com “aborto” e “bebês”. Ainda, próximo ao centro, vê-se uma relação entre “Brasil” e “EUA”. Por fim, nota-se no canto inferior direito a correlação do termo “contra” com “Aedes”.

4.3 Google Trends

Por fim, analisa-se uma relação entre as notícias com os dados do *Google Trends*; estes apresentam uma métrica de interesse semanal sobre os termos: “aborto”, “microcefalia” e “Zika” durante o ano de 2016. O *Google Trends* oferece os dados com base em entradas em seu motor de busca (google.com) e se configura como um exemplo de interesse de internautas a respeito de um determinado termo ou verbete.

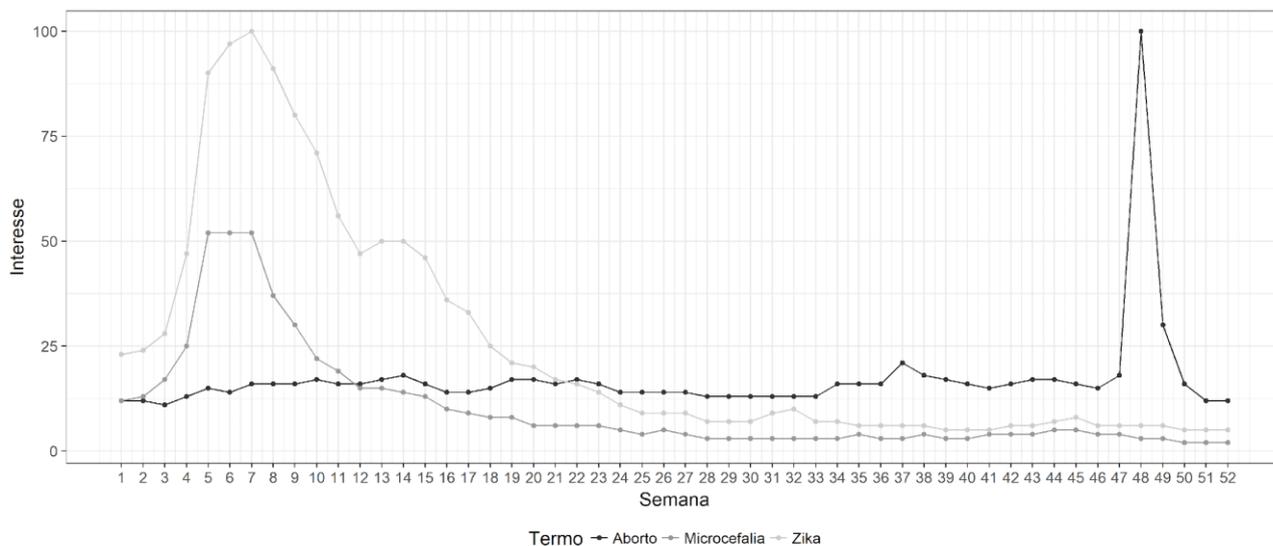


Figura 16: Gráfico de interesse semanal ao longo de 2016, para os termos “aborto”, “microcefalia” e “Zika”.

Na Figura 16, vê-se que os termos “microcefalia” e “Zika” possuem comportamentos próximos com maior interesse da 5ª a 9ª semana do ano, porém “Zika” apresenta um decréscimo de interesse muito mais lento. Enquanto isso, o termo “aborto” é relativamente estável ao longo de 2016 com um pico altíssimo na semana 48. Além disso, busca-se analisar como esses termos ocorrem nos títulos das publicações.

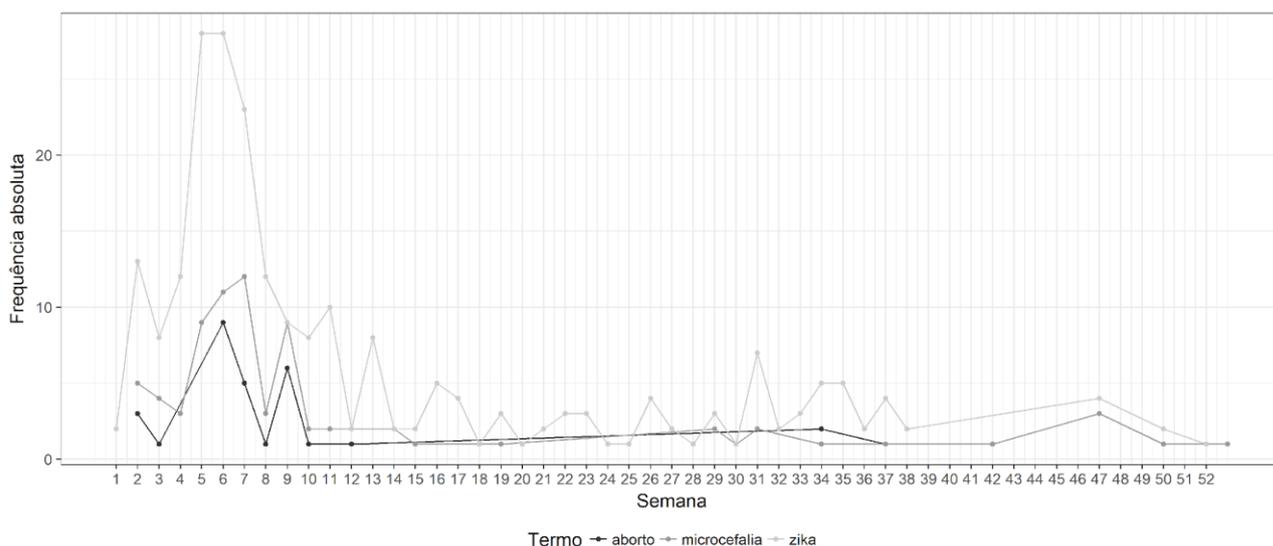


Figura 17: Gráfico de frequência dos termos "aborto", "microcefalia" e "Zika" nos títulos das publicações.

Observa-se na Figura 17 que todos os termos ficam semanas se ser relatados nas publicações dos períodos, não sendo possível a aplicação de métodos mais interessantes, pois também contam com frequências baixas. Além disso, o termo “aborto” aparece algumas vezes até a 12ª semana e volta a aparecer na semana 34. Já “microcefalia” é um pouco mais comum nos títulos, porém, ainda sim, possui pequenas aparições após a 9ª semana, com um leve acréscimo na semana 47. Enquanto isso, o termo “Zika” é o mais frequente tendo alguns picos esporádicos, sendo que um deles é na 47ª semana como “microcefalia”.

Nota-se em comparativo com a Figura 16 que o termo “aborto” possui um comportamento distinto, em que no *Google Trends* há um interesse estável ao longo do ano e um grande pico em uma semana específica. Já nos termos dos títulos de publicações não há esse comportamento (Figura 17): os três termos possuem maior frequência no início do ano e decaem ao longo do ano, com exceção de alguns picos esporádicos. Por outro lado, o interesse nas buscas decai de forma muito mais gradativa.

Posteriormente, busca-se relacionar os interesses de busca com a quantidade semanal de publicações.

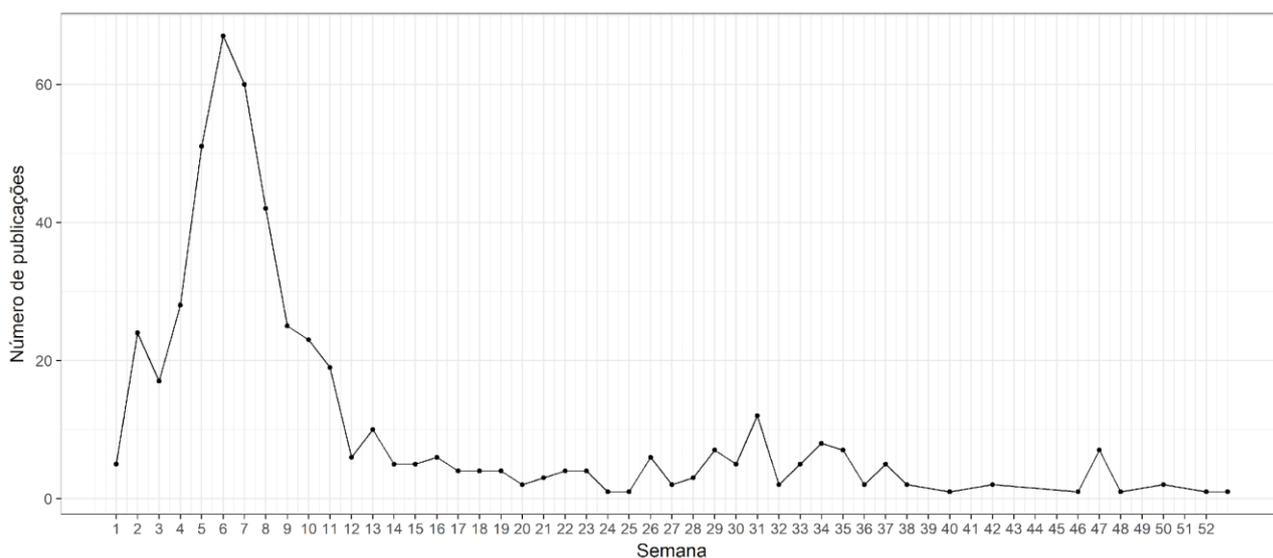


Figura 18: Gráfico do número de publicações por semana, ao longo de 2016.

Nota-se na Figura 18 que o comportamento do número de publicações possui semelhanças com o termo “Zika” (Figura 15), ainda sim é complicado analisar de forma puramente visual, então utilizou-se a correlação cruzada, que permite a obtenção da métrica de correlação, dado um determinado *lag*.

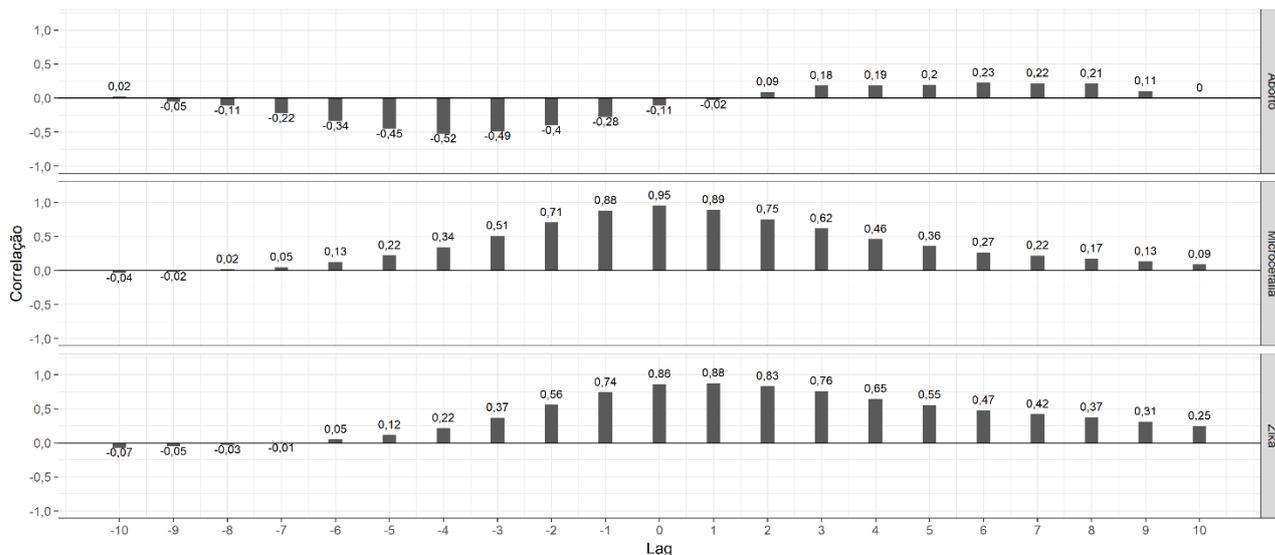


Figura 19: Correlação cruzada do interesse nos termos "aborto", "microcefalia" e "Zika", com o número de publicações.

Vê-se na Figura 19 que para o termo “aborto”, as correlações mais expressivas são dadas entre os *lags* -5 e -3, ou seja, aborto está correlacionado de forma negativa com o número de publicação com uma defasagem negativa de aproximadamente 1 mês.

Já para “microcefalia”, observa-se que quase toda correlação é positiva, há uma correlação quase perfeita no *lag* 0 e à medida em que o *lag* aumenta ou diminui, a correlação enfraquece, o que indica uma forte relação entre as buscas do termo “microcefalia” no Google com o número de publicações na mesma semana.

Por fim, vê-se que para o termo “Zika”, as correlações mais fortes estão nos *lags* 0 e 1, o que era esperado assim como no termo “microcefalia”, pois só a visualização das séries (Figuras 14 e 16) já permitia notar que ambos se comportavam de maneira semelhante. Assim, a busca por “Zika” no Google tende a estar correlacionada com o número de notícias na respectiva semana ou na semana posterior.

5. DISCUSSÃO

Nesta seção, vamos discutir os resultados levando em consideração alguns aspectos relevantes para a pesquisa: 1) frequência e dimensões das notícias; 2) Autores, fontes e especialistas mais citados.

5.1 - *Agenda-setting*: frequência e dimensões das notícias sobre Zika

Conforme apresentado nos resultados, no ano de 2016 na *Folha de S. Paulo*, observou-se o total de 502 notícias relacionadas ao Zika Vírus. Dos 365 dias, as notícias sobre o tema estiveram presentes em 154 dias, representando um total de 42.08% de presença no veículo selecionado. A presença significativa desse tema no jornal, e em outros veículos de comunicação no Brasil e no Mundo, apontam para importantes aspectos das Teorias da Comunicação e em especial dos meios de comunicação de massa (WOLF, 2012). Remete-se assim às ideias sobre agendamento (*agenda-setting*), uma vez que essa presença indica que os meios de comunicação colocam em pauta certos assuntos e temas e, conseqüentemente, refletem na opinião pública.

Podemos observar isso na figura 03, que mostra um maior número de publicações em fevereiro, data em que foi lançada a campanha #ZikaZero pelo governo federal. No entanto, o enquadramento dado pelo tema não respondia aos interesses da campanha, mas pelo o que nos parece, houve um tratamento político para mostrar ineficiência do governo e das instituições frente a essa “nova” doença. Interessante destacar que o tratamento midiático sobre o Zika vírus acompanhava os avanços científicos e de pesquisa sobre o tema, uma vez que não se confirmava ainda a relação entre Zika, Microcefalia e o vírus com seus outros modos de transmissão. Essa incerteza científica, natural diante do novo contexto que exige aprofundamento e estudos mais complexos, permitiu que teorias explicativas e, muitas vezes, apocalípticas circulassem nas redes sociais online. Esse ruído comunicacional exigiu do profissional da comunicação cuidado ao se abordar o tema. Na

figura 16, que mostra o pico de interesse pelo termo Zika nas buscas do Google, podemos visualizar que se tratou justamente no mês de fevereiro, na 7ª semana do ano.

As descobertas e as publicações que saíam no decorrer do ano pautaram boa parte das publicações, que apontavam nas chamadas os achados e descobertas das equipes. Essas notícias apresentavam interesse público uma vez que no ambiente online circulavam teorias conspiratórias. Dois momentos então nos chamaram atenção após observar os gráficos: as publicações no mês de fevereiro e em agosto. Para fevereiro, respostas e algumas relações com a microcefalia já estavam sendo documentadas. A proximidade com eventos esportivos também influenciou no tratamento da notícia, como foi o caso das Olimpíadas em Agosto, como vimos na figura 4, mostrando uma ascensão significativa do tema no mês de agosto com um percentual de 5,38%, comparado a junho, em que há 2,59%, elevando em julho para 4,78%, declinando para 0,6% em setembro, o que destaca o pico no mês das Olimpíadas. Boa parte dessas notícias relatavam decisões e preocupações das delegações em trazer os atletas para a cidade do Rio de Janeiro e as respostas das autoridades locais (DORNELLES; MARTINS, 2016).

O tema se misturou assim às notícias de atrasos das construções e outros aspectos da organização do evento, reforçando semanticamente que o Zika representaria também o resultado da ineficiência do governo na gestão da saúde e dos serviços no geral. Vale destacar que nesse período de maior incidência, o Zika vírus ganhou destaque na revista *São Paulo* do dia 10/01/16 (YB11), em diferentes cadernos da *Folha de S. Paulo*, como a do dia 11/02/2016 de Turismo (D1 Turismo), Ilustrada (Ilustrada C7, 16/02) e, após esse período, as notícias eram encontradas nos cadernos Cotidiano e Ciência+Saúde, sendo que estes sempre tiveram destaque de localização sobre o tema deste estudo.

A quantidade de capas nos primeiros meses, período de maiores notificações, chega ao todo a uma média de 14,14%, como observamos no gráfico 5. Sabemos que a capa representa um relevante espaço para o veículo, sendo historicamente considerada como as notícias de destaque daquele número-edição. Assim, percebemos com os dados que as notícias nas capas não estavam presentes nos meses de janeiro e fevereiro, período crítico que mereceria mais tratamento midiático do tema, mas sim no mês de setembro. Nesse mês, vale contextualizar que ocorreu a destituição da presidente Dilma Rousseff, a reforma da previdência estava sendo abordada e o Senado se declarou contra o aborto para gestantes com Zika.

O tamanho das notícias foi levado em consideração pela classificação por fração, variando de 1/16 a 16/16. Consideramos também a categoria de notícia como box, que eram notas que não atingiam o tamanho mínimo de 1/16, títulos, chamadas em forma de frases foram tabuladas e classificadas como sem tamanho. No gráfico 06, nota-se que nos três primeiros meses do ano, as notícias foram publicadas mais frequentemente nos tamanhos de 1/16 (88-17,53%) a 4/16 (62-12,35%) e box (82-16,33%), muitas eram dadas na mesma página, provavelmente feitas no mesmo período pelos mesmos autores, mas distribuídas separadamente no mesmo dia ou em meses mais adiante.

Esse perfil de apresentação nos faz refletir a respeito do artigo utilizado no trabalho de Dorneles e Martins (2016), comparando outro veículo de notícia com a própria *Folha*, observando entre as duas fontes de notícia uma defasagem noticiosa, pois em suas conclusões, ressaltou-se que poucas publicações, porém contextualizadas, podem ser mais informativas servindo de ferramenta para futuras ações do leitor, do que comparadas a diversas notícias publicadas ao mesmo tempo, sem relação uma com a outra. Os autores destacam que há perfis jornalísticos distintos, porém, diversas notícias não homogêneas ficam difusas e sem caráter seletivo e de aprofundamento, que uma grande reportagem pode oferecer.

Interessante é a percepção que a figura 8 nos traz, como esperado o maior número de notícias de destaque ocorreram nos três primeiros meses do ano, período de maior repercussão da mídia sobre o Zika vírus. Em novembro, porém, em que ocorreram poucas publicações sobre o Zika, observa-se que tinham tamanhos maiores, entre 5/16 a 16/16, o que pode representar maior aprofundamento sobre o tema. Uma dessas notícias foi assinada por um profissional da área da saúde, que tem uma coluna no jornal analisados, duas notícias com participação de correspondentes internacionais e os demais por autores que já se destacavam por escrever sobre essa temática no decorrer do ano. Em novembro, mais perto do período eleitoral do município de São Paulo, duas notícias foram correlacionadas ao Zika e esse contexto político, mas em nível de denúncia. Essas publicações podem ter sido beneficiadas pelo acúmulo de conhecimento e informações sobre a doença ao longo do ano, quando resultados de pesquisa foram sendo divulgados e a doença passou a ser estudada e mapeada globalmente. Essas certezas, chamadas e comunicados oficiais como os emitidos pela Organização Mundial da Saúde servem como fontes qualificadas para trabalhar com o tema de forma menos especulativa.

Vale destacar que no mês de outubro houve uma queda das notícias sobre o Zika vírus, os temas verificados e em destaque no veículo foram: Eleições municipais de São Paulo, os problemas ocorridos com os metrô da cidade e o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Como esperado pelo objetivo e metodologia deste trabalho, observamos que o termo “Zika” foi o que teve maior frequência entre as notícias coletadas (6,64%), seguido de microcefalia (2,19%), vírus (1,78%), dengue (1,56%), Aedes (1,28%), aborto (0,83%) e outros, como pode ser observado no gráfico 14.

Observa-se, por meio da mesma ferramenta do google, que a procura pelo termo Zika está compatível com os períodos de maior publicação de notícias, o termo microcefalia segue esse perfil, caindo no decorrer do ano (gráfico 16). Ressalta-se que o termo aborto segue estável durante o ano e tem um pico no mês de Novembro: vale destacar que no dia 30/11 o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que até o terceiro mês de gestação, o aborto não seria considerado crime, o que nos faz refletir que o tema Zika não foi o percussor do interesse da população sobre o assunto nesse período. Há, conforme destacado na Figura 19, uma correlação negativa entre a busca “aborto” online com a presença do termo nos títulos das notícias, ou seja, o interesse pelo termo não estava relacionado à presença das notícias que comentavam a respeito do aborto no contexto do Zika. Esse dado mostra que não podemos afirmar que as notícias sobre o aborto condicionaram a busca pelo termo online.

Vê-se na Figura 3 que a maior concentração de publicações acontece no começo do ano, entre Janeiro e Fevereiro. Fevereiro representou o mês com o total de 211 notícias, 42,03% de todas que foram publicadas em 2016. Agosto representou 5,38% (figura 4). Além disso, nota-se que do final de Julho até o final de Agosto, há picos nos dias 29/07 e 24/08, com 5 e 6 publicações, respectivamente.

Já na Figura 4, analisa-se o número de publicações mensalmente, em que se verifica que o mês de Fevereiro possui um número de observações muito superior ao demais, havendo um decréscimo posteriormente seguido de um leve acréscimo de Julho para Agosto, finalizando com um declive e sem grandes mudanças até o fim do ano. Feita a visualização das publicações ao longo de 2016, faz-se a descrição das demais características do Jornal mensalmente.

A primeira característica observada é se a publicação foi capa ou não na página impressa. Ao todo, 71 (14,14%) publicações foram capa, porém é de interesse averiguar com se dá essa característica ao longo dos meses. Janeiro teve 15, fevereiro 31, agosto 3 e setembro 3. No entanto, se considerarmos as notícias de capa com a média de notícias no mês, vemos com a Figura 5, que o mês de setembro teve 3 capas, representando 33,33% das notícias naquele mês.

Observa-se na Figura 5 que nos três primeiros meses do ano, aqueles com maiores números de publicações (Figura 2), houve proporções próximas dos números de capas. No mês de Abril, há um decréscimo, enquanto os demais meses apresentam um baixo número de publicações para avaliar a expressão da proporção de capas. Se somarmos o número de notícias com dimensões de box (figura 6), 1/16 ou 2/16 (que representam as menores dimensões no jornal impresso), temos 47,21 % do total de publicações. Isso pode indicar que tivemos mais notas e notícias que não foram contextualizadas e trabalhadas em profundidade. Assim, observa-se a frequência dos tamanhos das publicações, em que 1/16 e Box são os mais frequentes representando 17,53% e 16,33% das notícias, respectivamente. Entretanto, é visível que muitas categorias de tamanho são inexpressivas. Assim, foi feita uma recategorização, como é possível ver figura 7, desconsideramos o box e agrupamos as proporções de 1/16 a 4/16. Notícias mais extensas de 13/16 a 16/16 representaram apenas 7,37% do total de publicações.

Na Figura 7, observa-se que a maior concentração (45,02%) possui tamanho entre 1/16 e 4/16, em que a partir dessa categoria quanto maior a faixa de tamanho das publicações, menor a frequência com que ocorrem.

5.2 – Autores, fontes e especialistas

Na figura 9, encontramos alguns jornalistas que se destacaram na quantidade de publicação sobre os temas relacionados ao Zika vírus, procuramos, portanto, observar a formação jornalística destes e destacar o que pode ser relevante para o presente estudo.

Dez autores se destacaram com a assinatura das notícias (figura 9). No entanto, selecionamos apenas seis, que durante a pesquisa foram notados como os principais na abordagem do tema, e foram vistos no decorrer do ano de 2016.

Os autores selecionados foram: Claudia Collucci (33 publicações), Natália Cancian (28 publicações), Gabriel Alves (16 publicações), Kleber Nunes (13 publicações), Roberto de Oliveira (13 publicações) e Reinaldo José Lopes¹² (11 publicações).

Para identificar o perfil profissional, optamos por padronizar a fonte de pesquisa desta análise, através do LinkedIn, que é uma rede social de negócios, voltada para aspectos profissionais. Nela, localizamos quatro dos seis autores destacados, foram eles: Claudia Collucci, Natália Cancian, Gabriel Alves e Kleber Nunes.

Claudia Collucci se declara Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestre pela mesma Instituição, obteve duas bolsas de estudos fora do país, em 2010 pela *University of Michigan Medical School* e 2011 pela *Georgetown University*. É pós-graduada em gestão da saúde (DIP) pela fundação Getúlio Vargas (2012-2013) e repórter especial da *Folha* desde 1990.

Natália Cancian é formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2009, em Comunicação Social e Jornalismo, atuou como repórter colaboradora da *Gazeta do Povo* por três meses em 2010, foi também repórter da revista *Móbile* por cinco meses, em 2010, participou como *treinee* da *Folha* por cinco meses no mesmo ano e, desde 2011, é repórter de Saúde da *Folha* na sucursal de Brasília.

Gabriel Alves graduou-se em 2007 pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em BSc, *Biomedical Sciences*. Ele foi *treinee* de Ciência de Saúde pela Folha de São Paulo onde participou de um projeto sobre a dengue. Também é doutor em Ciências pela UNIFESP (2014) e foi editor interino de Ciência, Saúde e Equilíbrio por cinco meses entre 2017 e 2018. Desde 2014 é repórter de Ciência e Saúde pela Folha de São Paulo.

Kleber Nunes é Bacharel em Comunicação da Social/Jornalismo em 2011 pela Universidade Católica de Pernambuco, atuou como repórter de economia para a *Folha de Pernambuco* entre 2012 e 2015, foi Assessor de Comunicação da Arquidiocese de Olinda e Recife de 2009 a 2016 e, atualmente, é jornalista freelance da *Folha*.

Apesar de ser o que menos publicou dentre os destacados na tabela, pelo conteúdo das reportagens, optamos por analisar a formação de José Roberto Lopes, que não foi encontrado na rede LinkedIn, suas informações foram retiradas do curriculum Lattes do CNPq, ele é graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade de São Paulo

¹² O Currículo de Roberto de Oliveira não foi localizado em nenhuma fonte online, na *Folha de S. Paulo*, aparece que ele é Jornalista e colunista convidado.

USP em 2001, tem Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP de 2003 a 2006, Doutorado entre 2008 e 2012 pela mesma Instituição e área, recebeu o mais importante prêmio de divulgação científica do país, Prêmio José Reis, e tem cinco livros publicados.

Considera-se que esses jornalistas já assinavam notícias com o tema saúde e alguns possuem formação e especializações no campo da Comunicação e da Saúde. Quando avaliamos a figura 10, percebemos que as maiores notícias foram escritas por Elvis Pereira, Ingrid Fagundes, Rafael Balago e Rafael Gregório. Esses quatro jornalistas tiveram todos os seus textos com dimensões grandes (13/16 e 16/16, o que pode indicar que foram mais trabalhadas. Há uma maior concentração de matérias escritas por Cláudia Collucci e Natália Cancian nas dimensões 5/16 e 8/16 (42,42% e 50% respectivamente).

Quanto às fontes mais citadas, destaca-se o Ministério da Saúde (6,37%) e a Secretaria Municipal de saúde de São Paulo (1,99%). O especialista mais citado foi Marcos Vinicius da Silva, Jessé Reis Alves do Instituto Emílio Ribas (também citado) e Celso Granato. Marcos Vinicius está ligado ao Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo e tem publicações listadas nas bases de dados científicas sobre o tema (CHIMELLI *et al.*, 2018; DA SILVA PONE *et al.*, 2018; ZIN *et al.*, 2017). Jessé Reis Alves é infectologista e teve participação em programas na TV (como o do apresentador Jô Soares) emitindo opinião e falando sobre o tema. Celso Granato é infectologista e professor da Universidade Federal de São Paulo e membro do corpo clínico do Fleury Medicina e Saúde. Os especialistas procurados estão entre entidades e agências do governo e profissionais da área médica (infectologia). Não se observou, por exemplo, expressiva procura por profissionais do campo da antropologia, meio ambiente ou do serviço social que consigam comentar sobre as consequências sociais da Zika.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou analisar como o veículo de comunicação impresso de maior circulação no Brasil, a *Folha de S. Paulo*, representou e repercutiu os casos e as consequências do Zika. Empregando o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin combinando com análises estatísticas das frequências dos termos, associações com os jornalistas que assinaram as matérias, bem como a dimensão das reportagens nas páginas ao longo do ano de 2016, tivemos como objetivo analisar a cobertura jornalística sobre o Zika vírus, durante o ano de 2016, realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, a partir das reflexões da Promoção da Saúde.

Lembramos que a produção de notícias, qualquer que seja, ocorre sempre em um contexto sócio, econômico e político que nela se reflete. Notícias são seleções de diversos acontecimentos cotidianos filtrados pelos veículos e meios de comunicação, que selecionam aquilo que é relevante daquilo que não é. Um mesmo tema pode merecer abordagens diferentes dependendo do profissional que escreve, da linha editorial do veículo e da natureza do meio (audiovisual, impresso, multimídia). Acompanhar e identificar o tratamento noticioso da Zika foi importante para verificar como o tema mereceu destaque e como foi trabalhado em um veículo de comunicação brasileiro.

Sobre essa doença, vimos que dois momentos no ano de 2016 incentivaram ou condicionaram a maior produção de notícias. Os meses de fevereiro e agosto se destacaram nesse contexto, ao conterem um enquadramento diferente para a doença. Enquanto fevereiro nos indicava os casos e as descobertas da doença, preocupação com a microcefalia e os desafios para as políticas públicas de saúde e governo, em agosto, vimos principalmente especulações frente às Olimpíadas de 2016.

As fontes citadas e os jornalistas que assinam as reportagens também indicam o enquadramento dado pelo veículo e tema. O interesse internacional pela doença e os avanços científicos das descobertas frente ao vírus mereceram destaque nas notícias, o que pode justificar a distribuição delas durante o ano de 2016.

Por fim, lembramos o caminho desempenhado pela pesquisadora deste projeto, locada no Mestrado em Promoção da Saúde, mas com formação inicial em fonoaudiologia. Interessa destacar que o fonoaudiólogo é comumente reconhecido como um profissional que lida com “distúrbios” da fala, ao deslocarmos a percepção da “fala” para o “discurso” e “conteúdo” de um veículo de comunicação conseguimos perceber e confirmar o papel relevante que o processo comunicativo desempenha no campo da saúde. O Conselho Federal de Fonoaudiologia define o profissional da seguinte forma: “O fonoaudiólogo é um profissional de Saúde, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua de forma autônoma e independente nos setores público e privado. É responsável pela promoção da saúde, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação e reabilitação) e aperfeiçoamento dos aspectos fonoaudiológicos da função auditiva periférica e central, da função vestibular, da linguagem oral e escrita, da voz, da fluência, da articulação da fala e dos sistemas miofuncional, orofacial, cervical e de deglutição. Exerce também atividades de ensino, pesquisa e administrativas”. Como esse profissional, muitas vezes, acaba tendo contato com as mães nos períodos pré e peri natal, eles podem ter a oportunidade de promover ações de prevenção em saúde. Para a Promoção da Saúde, compreender o papel que a comunicação desempenha na memória da população, na percepção frente a um problema de saúde pública e coletiva é essencial para se elaborar políticas de informação e comunicação mais eficientes pelos órgãos públicos. No caso da Zika, em outros espaços midiáticos, vimos que notícias falsas e teorias da conspiração foram compartilhadas e ganharam a atenção da população, se essas notícias não forem combatidas, isso pode confundir a população prejudicando-a ainda mais. A espetacularização e o tratamento noticioso da Zika, para além da sua normalidade também ajuda a criar uma situação de pânico ou emergência que prejudica o trabalho dos profissionais de saúde.

A pesquisa se encerra, no entanto, com novos questionamentos e direcionamentos. Como era de se esperar, obtivemos algumas respostas e reflexões sobre o papel da comunicação social no campo da Promoção da Saúde. Como uma das principais limitações desta pesquisa, podemos citar o foco em apenas um veículo de comunicação. Estudos comparativos ou com mais veículos envolvidos, inclusive de natureza diferente (audiovisual, rádio), poderia sugerir outras questões e respostas. Também um estudo que acompanhe as notícias até os dias atuais, início de 2018, também nos mostraria o interesse (ou a perda dele) no tema que ainda merece atenção. Atualmente, (2018) vemos figurar nos

noticiários o aumento dos casos de Febre Amarela e a corrida para os postos de vacinação pela população de algumas cidades e regiões do Brasil. Embora a dinâmica seja diferente, a transmissão pelo mosquito *Aedes* é cogitada como possível e, de forma geral, essas doenças endêmicas estão presentes na mídia de forma constante: Zika, dengue, chikungunya e novamente a febre amarela. São temas e situações que desafiam os promotores da saúde a lidar com o intrincado tecido social, na qual, saúde, comunicação, política e economia estão atarmados.

Referências bibliográficas

- AARVA, P.; TAMPERE, M. P. Studying the striving and opposing forces in newspaper journalism: the actantial model of health promotion. **Health promotion international**, v. 21, n. 2, p. 160–8, 2006.
- AGUIAR, R.; ARAUJO, I. S. A mídia em meio às “ emergências ” do vírus Zika : questões para o campo da comunicação e saúde. **Revista Eletronica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2016.
- ARUNACHALAM, N. et al. Eco-bio-social determinants of dengue vector breeding: A multicountry study in urban and periurban Asia. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 88, n. 3, p. 173–184, 2010.
- AZEVEDO, A. P. M. DE. **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental (dissertação)**. [s.l.] Universidade do Minho, 2009.
- AZEVEDO, A. P. M. DE. Jornalismo de saúde: novos rumos, novas literacias. **Comunicação e Sociedade**, v. 23, p. 185, 10 jan. 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BARRETO, M. L. et al. Zika virus and microcephaly in Brazil: a scientific agenda. **The Lancet**, v. 387, n. 10022, p. 919–921, mar. 2016.
- BASCH, C. H. et al. Zika virus on youtube: An analysis of english-language video content by source. **Journal of Preventive Medicine and Public Health**, v. 50, n. 2, p. 133–140, 2017.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.
- BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília-DF: [s.n.].
- BROWN, J.; RYAN, C.; HARRIS, A. How Doctors View and Use Social Media: A National Survey. **Journal of Medical Internet Research**, v. 16, n. 12, p. e267, 2 dez. 2014.
- BUENO, M. A. S.; GRUNSPUN, H. Reflexões bioéticas em tempos de Zika vírus. **Einstein (São Paulo)**, v. 14, n. 2, p. 13–18, jun. 2016.
- BUSS, P. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. DE (Eds.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 15–38.
- BUSS, P. **O conceito de promoção da saúde e os determinantes sociais**. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/artigos/334-o-conceito-de-promocao-da-saude-e-os-determinantes-sociai>>. Acesso em: 3 jan. 2018.
- CARDOSO, A. DOS S.; NASCIMENTO, M. C. DO. Comunicação no Programa Saúde da Família: o agente de saúde como elo integrador entre a equipe e a comunidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1509–1520, jun. 2010.
- DINIZ, D. **Zika: do sertão nordestino à Ameaça Global**. Campinas: Civilização Brasileira, 2016.
- DORNELLES, B.; MARTINS, M. N. Rio 2016 : zika vírus e a defasagem noticiosa entre o on-line e o impresso no agendamento das olimpíadas do Brasil. **Dossiê: Mídia, Esporte e Cultura**, v. 23, n. 1, p. 134–146, 2016.

- FERRARETTO, E. K.; MORIGI, V. J. **A Cobertura Jornalística da Área da Saúde e a Promoção da Cidadania: um Estudo em Jornais de Porto Alegre - RS**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**São Paulo -SP: Intercom, 2014Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=42994>
- FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1334–1341, out. 2004.
- GANS, H. J. **Democracy and the News**. New York: : Oxford University Press., 2003.
- GOMES, E. S. Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar? **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 2, p. 96, 3 dez. 2012.
- HODGETTS, D. Civic journalism meets civic social science : p. 23–38, 2012.
- HONORATO, J. I. et al. **Imagens do todo: análise dos compartilhamentos no Instagram da #ZikaVirus**. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Intercom Sul. **Anais...**Curitiba-PR: Intercom, 2016
- HOPKINSON, N. S. Social media as a source of information for patients with chronic obstructive pulmonary disease. **Chronic Respiratory Disease**, v. 11, n. 2, p. 59–60, 2014.
- HOUSEH, M.; BORYCKI, E.; KUSHNIRUK, A. Empowering patients through social media: The benefits and challenges. **Health Informatics Journal**, v. 20, n. 1, p. 50–58, 1 mar. 2014.
- KREPS, G. L. The Impact of Communication on Cancer Risk, Incidence, Morbidity, Mortality, and Quality of Life. **Health Communication**, v. 15, n. 2, p. 161–169, abr. 2003.
- KUCINSKI, B. et al. **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.
- KUCINSKI, B. O jornalismo e os dilemas da bioética. In: SANTOS, A. (Ed.). . **Mídia e saúde pública**. Belo Horizonte MG: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. p. 15–41.
- KUSCINSKY, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saúde e Sociedade**, v. 11, n. 1, p. 95–103, 2002.
- MALTA, D. C. et al. Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): capítulos de uma caminhada ainda em construção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1683–1694, jun. 2016.
- MARCONDES, C. B.; XIMENES, M. DE F. F. DE M. Zika virus in Brazil and the danger of infestation by Aedes (Stegomyia) mosquitoes. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, n. July, 2015.
- MCNEIL JR., D. G. **Zika - A Epidemia Emergente**. São Paulo -SP: Planeta do Brasil, 2016.
- MINAYO, M. C. DE S.; HARTZ, Z. M. DE A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 7–18, 2000.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Promoção da Saúde (3ª Edição)**. Brasília-DF: [s.n.]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf>.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. **Vírus Zika no Brasil: a resposta do SUS**. Brasília-DF: MS, 2017.
- NATIONAL CANCER INSTITUTE. **Making Health Communication Programs Work**. [s.l.] U.S. Department of Health & Human Services / Public Health Service National Institute of Health, 1961. v. 93
- NYONGESA, H. et al. Harnessing the power of social media in optimizing health outcomes. **Pan African Medical Journal**, v. 18, n. 290, p. 1–5, 2014.
- PAVLIK, J. V. A Sea-Change in Journalism: Convergence, Journalists, their Audiences and Sources. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**,

v. 10, n. 4, p. 21–29, 29 dez. 2004.

PITTA, Á. M. DA R.; OLIVEIRA, V. C. DE. Estratégias de Comunicação frente ao Desafio do *Aedes Aegypti* no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, n. 1, p. 137–146, 1996.

RUÃO, T.; LOPES, F.; MARINHO, S. Comunicação e saúde, dois campos em intersecção*. **Comunicação e Sociedade**, n. NUMERO ESPECIAL, p. 5–7, 2012.

SCHWITZER, G. How do US journalists cover treatments, tests, products, and procedures? An evaluation of 500 stories. **PLoS Medicine**, v. 5, n. 5, p. 0700–0704, 2008.

SELTZER, E. K. et al. The content of social media's shared images about Ebola: a retrospective study. **Public Health**, v. 129, n. 9, p. 1273–1277, set. 2015.

SMITH, D. W.; MACKENZIE, J. Zika virus and Guillain-Barré syndrome: another viral cause to add to the list. **The Lancet**, v. 387, n. 10027, p. 1486–1488, abr. 2016.

TIMMS, C.; FORTON, D.; POULLIS, A. Social media use in patients with inflammatory bowel disease and chronic viral hepatitis. **Clinical Medicine**, v. 14, n. 2, p. 215–215, 1 abr. 2014.

UNITED NATION GENERAL ASSEMBLY. Universal Declaration of Human Rights. . 1948, p. 1–6.

VASCONCELOS, P. F. DA C. Doença pelo vírus Zika: um novo problema emergente nas Américas? **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 6, n. 2, p. 9–10, jun. 2015.

VOSS, M. Checking the pulse: Midwestern reporters' opinions on their ability to report health care news. **American Journal of Public Health**, v. 92, n. 7, p. 1158–1160, 2002.

WESTPHAL, M. F. Promoção Da Saúde e a qualidade de vida. In: FERNANDEZ, J. C. A.; MENDES, R. (Eds.). . **Promoção da Saúde e Gestão Local**. 2. ed. São Paulo -SP: Hucitec/CEPEDOC cidades saudáveis, 2007. p. 6–24.

WHO. WHO | The Ottawa Charter for Health Promotion. **First International conference on health promotion, Ottawa, 21. November 1986**, p. 3–5, 2013.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo - SP: Wmf Martins Fontes, 2012.

XAVIER, C. Mídia e Saúde, Saúde na Mídia. In: SANTOS, A. (Ed.). . **Cadernos de Mídia e Saúde Pública**. Belo Horizonte MG: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. p. 43–55.

Apêndices

Apêndice I: cálculos e fórmulas utilizadas

Frequência

A princípio, foi realizada uma análise descritiva dos resultados para a obtenção de gráficos de frequência, com o intuito de caracterizar os textos. Para descrição dos resultados foram utilizadas a frequência absoluta e a porcentagem para as variáveis categóricas. A frequência absoluta (n_i) é dada pelo número de vezes em que uma determinada variável assume um determinado valor/categoria em questão. A porcentagem (p_i) é o resultado da razão entre a frequência absoluta e o tamanho da amostra, multiplicado por 100, isso é, $100 \cdot \frac{n_i}{n} \%$.

Coefficiente phi

O coeficiente ϕ consiste em uma medida de correlação para variáveis dicotômicas. Neste contexto, esse coeficiente indica quão provável é que duas palavras (X e Y) ou que nenhuma apareça em função de uma aparecer sem a outra.

Tabela 1: Exemplo para explicação do coeficiente ϕ .

| | Possui palavra Y | Não possui palavra Y | Total |
|----------------------|------------------|----------------------|------------------|
| Possui palavra X | n_{11} | n_{10} | $n_{1\cdot}$ |
| Não possui palavra X | n_{01} | n_{00} | $n_{0\cdot}$ |
| Total | $n_{\cdot 1}$ | $n_{\cdot 0}$ | $n_{\cdot\cdot}$ |

Seguindo a Tabela 1, n_{11} representa o número de reclamações em que ambas as palavras X e Y aparecem, já n_{00} o número em ambas não aparecem, assim o coeficiente dá-se por:

$$\phi = \frac{n_{11}n_{00} - n_{10}n_{01}}{\sqrt{n_{1\cdot}n_{0\cdot}n_{\cdot 1}n_{\cdot 0}}}$$

Correlação cruzada

Uma forma de avaliar a relação entre as variáveis é utilizar a correlação de Pearson (1986). O coeficiente de correlação de Pearson (r) é dado por:

$$r = \frac{n \sum_{i=1}^n x_i y_i - (\sum_{i=1}^n x_i)(\sum_{i=1}^n y_i)}{\sqrt{[n \sum_{i=1}^n x_i^2 - (\sum_{i=1}^n x_i)^2][n \sum_{i=1}^n y_i^2 - (\sum_{i=1}^n y_i)^2]}}$$

O coeficiente r varia no intervalo de $(-1, 1)$. O sinal indica a direção da correlação, inversa (negativa) ou direta (positiva), enquanto o valor indica a força da correlação. Quanto mais próximo o coeficiente estiver de -1 ou 1 , mais forte é a correlação entre as variáveis. Por outro lado, se a correlação for igual a zero, não existe relação entre as variáveis em estudo.

Porém, r só permite a correlação de um valor com outro valor respectivo, em termos de séries temporais isso não é interessante, pois pode acontecer de uma série estar correlacionada a outra com uma determinada defasagem (*lag*), assim calcula-se a correlação entre x_{i+h} e y_i , tal que $h = 0, \pm 1, \pm 2, \dots, \pm k$ é o *lag*.

Apêndice II: Tabela com outros especialistas citados

| Autor | Frequência absoluta |
|-----------------------------------|----------------------------|
| Adilson Roberto Gonçalves | 1 |
| Adriana Silva | 1 |
| Aécio Neves | 1 |
| Alexandre Chiavegatto Filho | 1 |
| Aluisio Serodeo | 1 |
| Amilcar Tanuri | 1 |
| Ana C. N. Sasaki | 1 |
| Andrew Pollack | 2 |
| Anete Guedes | 1 |
| Anna Rangel | 1 |
| Anna Virginia Balloussier | 1 |
| Avener Prado | 2 |
| Bernardo Mello Franco | 1 |
| Bruno Molinero | 1 |
| Carlos Andrezza | 1 |
| Carlos Brisola Marcondes | 1 |
| Carlos Eduardo Lima da Cunha | 1 |
| Carlos Roberto Dalia | 1 |
| Carlos Vital Tavares Corrêa Lima | 1 |
| Cátedra Octavio Frias de Oliveira | 1 |
| Chris Elias Trevos Mundel | 1 |
| Cíntia Cardoso | 2 |
| Clóvis Rossi | 1 |
| Da France Passe | 1 |

| | |
|---------------------------------|---|
| Daniela Kresh Especial | 1 |
| Débora Dinis | 1 |
| Demétrio Magnoli | 2 |
| Diego Iwata Lima | 2 |
| Donald G. Mcneil Jr. | 2 |
| Dráuzio Varella | 3 |
| Edgar Alves | 1 |
| Eduardo Correia | 1 |
| Eduardo Cucolo | 1 |
| Eduardo Geraque | 6 |
| Elieu Sobral | 1 |
| Elio Gaspari | 2 |
| Emílio Sant'Anna | 4 |
| Estelita Hass Carazzai | 1 |
| Fabiano Maisowake | 1 |
| Fabício Lobel | 7 |
| Felipe Bächtold | 1 |
| Fernanda Godoy | 1 |
| Fernanda Odila | 1 |
| Flávia Foreque | 4 |
| Francisco Manoel de Souza Braga | 1 |
| Gabriel Mascarenhas | 1 |
| Gustavo Uribe | 3 |
| Hélia Figueiredo de Araújo | 1 |
| Hélio Schwartzman | 4 |
| Isabel Seta | 1 |
| Italo Nogueira | 1 |
| Izabel Fleck | 3 |
| Izabela Dias | 1 |

| | |
|--------------------------------|---|
| Jairo Edward de Luca | 1 |
| Jairo Marques | 6 |
| Jean Galvão | 1 |
| Jim Yong Kim | 1 |
| João Grangeiro | 1 |
| João Pedro Pitombo | 2 |
| José Luiz Belderrain | 1 |
| José Luiz Pereira da Silva | 1 |
| José Marcos Thalemborg | 1 |
| José Simão | 9 |
| Juliana Coassi | 1 |
| Juliana Cunha | 1 |
| Juliana Gragnani | 3 |
| Júlio Abramczyk | 7 |
| Justin Gillis | 1 |
| Lafayette Pondé Filho | 1 |
| Leandro Machado | 1 |
| Lenise Garcia | 1 |
| Leslu Lobel | 1 |
| Leticia Neves | 1 |
| Lucas Ferraz | 1 |
| Lucas Vettorazzo | 3 |
| Luciana Dyniewicz | 2 |
| Luiza Franco | 2 |
| Marcel Merguizo | 1 |
| Marcelo Leite | 3 |
| Marcelo Lopes Ciuffa | 1 |
| Marcelo Ninio | 6 |
| Marcelo Toledo | 7 |
| Márcia Castro | 1 |
| Marco Antônio Lorenzo Barsotti | 1 |
| Maria Helena Rabelo Campos | 1 |

| | |
|--------------------------------|---|
| Mariana Versolato | 1 |
| Mariana Zylberkan | 3 |
| Mariliz Pereira Jorge | 2 |
| Marina Alabau | 1 |
| Marina Dias | 1 |
| Marta Suplicy | 1 |
| Matias Spektor | 2 |
| Mayara Zatz | 1 |
| Ministro Marcelo Castro | 1 |
| Mônica Bergamo | 1 |
| Morton Sheinberg | 1 |
| Natuza Nery | 8 |
| Nicola Pamplona | 1 |
| Omar Genha Taha | 1 |
| Omar Reis | 1 |
| Oscar Vilhena Vieira | 2 |
| Pam Belluck | 1 |
| Patrícia Campos Mello | 7 |
| Paulo Cesarino Costa | 1 |
| Pedro Luis de Campos | 1 |
| Pedro Vanconcelos | 2 |
| Peter Guimarães Stoimenof | 1 |
| Phillippe Watanabe | 2 |
| Rafael Lopes Ciuffa | 1 |
| Regiane Soares | 1 |
| Reinaldo Azevedo | 1 |
| Renato Costa | 1 |
| Ricardo Bonalume Neto | 1 |
| Rivaldo Venâncio da Cunha | 1 |
| Roberto Crispim | 1 |
| Rodrigo Russo | 1 |
| Rosa Dalva Faustisoni Bonciani | 1 |
| Ruy Castro | 1 |

| | |
|-----------------------|---|
| Sem Autoria | 5 |
| Sergio Rangel | 1 |
| Silvia Cesarini | 1 |
| Simon Romero | 2 |
| Tabajara Novazzi | 1 |
| Telma de Souza Bichal | 1 |
| Thiago Amâncio | 2 |
| Thomas E. Lovejoy | 1 |
| Thomaz Rafael Gallop | 4 |
| Turíbio Leberatto | 1 |
| Uriel Villa Boas | 1 |

| | |
|------------------------|---|
| Valdo Cruz | 1 |
| Vanderlei Vazelesk | 1 |
| Vanessa Canabarro Dios | 1 |
| Vanessa Van Der Linden | 2 |
| Wagner José Callegari | 1 |
| Weliano Pires | 1 |
| Wilhan Santin | 1 |
| Yala Sena | 1 |
| Zuréia Baruch | 1 |

Apêndice III: Tabela com outras fontes citadas

| Fonte | Frequência Absoluta |
|--|----------------------------|
| “The Lancet” | 1 |
| Agências Brasil | 1 |
| Anadep | 1 |
| Benedito Lopes da Fonseca | 1 |
| Centro de Vigilância Epidemiológica do Estado de São Paulo | 1 |
| COC | 1 |
| Data Folha | 1 |
| Epidemiology e Infection | 1 |
| Fundação Oswaldo Cruz | 1 |
| Helioswilton Sales de Campos | 1 |
| IDEC | 1 |
| Infectologista Artur Timerman | 1 |
| Instituto Nacional de Salud da Venezuela | 1 |
| Jaime de Oliveira | 1 |
| Jaques Wagner | 1 |
| José Cruz | 1 |
| José Oletta | 1 |
| Marcos Buolos | 1 |
| Metrô | 1 |
| Ministério da Integração Nacional | 1 |
| Monderini | 1 |
| Myrna Bonaldo | 1 |
| New York Times | 1 |
| Patricia Garcez | 1 |
| Paulo Gama | 1 |
| Paulo Roberto Unbinatti | 1 |
| Procon | 1 |
| Renata Agostini | 1 |

| | |
|--------------------------------------|---|
| Rodrigo César Magalhães | 1 |
| Secretaria de Saúde | 1 |
| Secretaria do Meio Ambiente de SP | 1 |
| Simon Romero | 1 |
| Sociedade Brasileira de Dermatologia | 1 |